

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS / ESTUDOS LITERÁRIOS**

ROSANA FRÓES SANTOS

**HISTÓRIAS DE DOIS MUNDOS COM HERÓIS SURDOS:
Representação da família nos processos de formação humana em Marta Morgado e
Cláudia Bisol**

Montes Claros – MG

Agosto/ 2022

ROSANA FRÓES SANTOS

**HISTÓRIAS DE DOIS MUNDOS COM HERÓIS SURDOS:
Representação da família nos processos de formação humana em Marta Morgado e
Cláudia Bisol**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras/Estudos Literários da Universidade Estadual de Montes Claros, para a obtenção do título de Mestre em Literatura.

Área de Concentração: Estudos Literários
Linha de Pesquisa: Literatura, Identidade, Fronteiras
Orientador: Prof. Dr. Marcio Jean Fialho de Sousa

Montes Claros – MG

Agosto/ 2022

Santos, Rosana Fróes.

S237h Histórias de dois mundos com heróis surdos[manuscrito]: representação da família nos processos de formação humana em Marta Morgado e Cláudia Bisol. / Rosana Fróes Santos – Montes Claros, 2022.

89 f. : il.

Bibliografia: f. 83-89.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Montes Claros -Unimontes, Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários/PPGL, 2022.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Jean Fialho de Sousa.

1. Surdos - Literatura. 2. Surdos - Relações com a família. 3. Mamadu: o herói surdo (2007) - Morgado, Marta. 4. Tibe e Joca: uma história de dois mundos (2001) - Bisol, Cláudia. I. Sousa, Márcio Jean Fialho de. II. Universidade Estadual de Montes Claros. III. Título. IV. Título: representação da família nos processos de formação humana em Marta Morgado e Cláudia Bisol.

Catálogo: Biblioteca Central Professor Antônio Jorge



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/ESTUDOS LITERÁRIOS



Dissertação de Mestrado intitulada **Histórias de Dois Mundos com Heróis Surdos, representação da família nos processos de formação humana em Marta Morgado e Cláudia Bisol**, de autoria da mestranda em Letras – Estudos Literários **Rosana Fróes Santos**, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Marcio Jean Fialho de Sousa

Prof. Dr. Marcio Jean Fialho de Sousa (Orientador - Unimontes)

Carlos Antonio Fontenele Mourão

Prof. Dr. Carlos Antonio Fontenele Mourão (UFPE)

Alba Valéria Niza Silva

Prof^a. Dr^a. Alba Valéria Niza Silva (UNIMONTES)

Elcio Lucas de Oliveira

Prof. Dr Elcio Lucas de Oliveira (Unimontes)

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras/Estudos Literários

Universidade Estadual de Montes Claros
UNIMONTES

Prof. Dr. Elcio Lucas de Oliveira
Coordenador do Programa de Pós-Graduação
em Letras/Estudos Literários

Montes Claros, 24 de agosto de 2022.

Para além do som

*De repente não ouço...
O cantar dos pássaros...
O farfalhar das árvores...
O chiado das águas correndo...
As crianças em alvoroço...
O barulho do vento e nem o som da chuva...
Ahh... as músicas que outrora
eram meus acalentos...
O silêncio, enfim, tomou conta
de uma vida antes agitada.
Mas... de repente eu vejo e sinto...
As cores harmoniosas dos pássaros e o
bater de suas asinhas em
seus voos decisivos;
O balé das árvores e sua humildade
nas curvas da vida;
O movimento das águas cristalinas
correndo para alcançar seu destino;
O agitar das crianças felizes e em festas
alegrando meu coração;
O soprar gostoso e sereno do vento em
meu rosto e o espetáculo perfeito da
chuva que cai criando barquinhos em passe de
mágica e exalando aquele cheirinho
delicioso de terra molhada;
Ahh... Se todos pudessem ver e sentir
além do som...
As músicas?
Ficaram na lembrança da minha
memória auditiva,
abençoada memória que
me faz tele-transportar
ao meu passado ouvinte!
Hoje, sou assim...
mãos, olhos e coração!*

(Rosana Fróes Santos)

AGRADECIMENTOS

Neste momento dedico este espaço para dar Graças a Deus pela minha vida, minha saúde e por me permitir alcançar vitórias frente a tantos obstáculos encontrados ao longo da realização deste trabalho.

Aos meus pais, Rubens e Eva Lúcia, por acreditarem na minha capacidade de lutar, conquistar e ultrapassar barreiras.

A minha irmã Rosângela pelo incentivo e apoio dado ao longo de minha vida acadêmica, minha gratidão a ti.

Aos meus sobrinhos, Ian Bruno, Caio Henrique, Karen Lorena e Brenda Iasmin por fazerem dos meus dias repletos de graças.

A meu esposo, Ricardo, pelo carinho, apoio e compreensão devido as minhas constantes ausências, obrigada de coração!

A minha princesinha Laísa, minha boneca, você faz da minha vida uma escola de amor e perseverança, por ti dedico minha vida!

A minha irmã, Rosilene, colega de trabalho, companheira nos meus estudos e para além da minha vida surda, o meu muito obrigada! Sua dedicação, atenção e apoio para que eu pudesse alçar voos ainda maiores. Não tem preço! Gratidão!

A meu professor orientador e colega de trabalho, Marcio Jean, gratidão! Uma honra ter trilhado o caminho do Mestrado contigo! Levo para minha vida o seu incentivo, confiança e apoio e, principalmente, por ter sido, em toda a minha vida estudantil, o único professor que me disse: “Acredite, estou contigo!”

A minha amiga e irmã de coração Raquel Schwenck a qual carrego comigo por tanto carinho e apreço. Grata demais por sua vida!

Aos amigos(as) e familiares que direta e/ou indiretamente torceram para mais uma conquista em minha vida, muito obrigada!

Ao PPGL pela oportunidade que me permitiu dar continuidade aos meus estudos e realizar o desejo, não apenas profissional, mas também, particular de me tornar mestre, me dando a certeza de que estacionar na vida não vale a pena!

RESUMO

A literatura, por possibilitar reflexões que propiciam no ser humano a formação pessoal e social, abre espaços para discussão em diversos contextos, dentre esses o campo da Literatura Surda, que tem como foco o surdo e a Cultura Surda. Nesse sentido, a presente dissertação tem como tema “A formação humana do sujeito surdo na perspectiva das relações sociofamiliares presentes na literatura surda portuguesa e brasileira” e propõe uma reflexão a partir da análise das obras *Mamadu: o herói surdo* (2007), da escritora portuguesa Marta Morgado e *Tibe e Joca: uma história de dois mundos* (2001), da escritora brasileira Cláudia Bisol. A primeira apresenta um personagem surdo chamado Mamadu que muda de país para ter acesso a sua língua e sua cultura, uma vez que nasceu em um território incapaz de possibilitar o desenvolvimento da criança surda, por não conhecer a Cultura Surda. Já a segunda se constrói a partir do personagem surdo que vive entre dois mundos, o da língua oral e o da Língua de Sinais e o processo de descoberta de si mesmo. Como problema tem-se: como a formação humana do sujeito surdo se processa sob a ótica das relações familiares e sociais? Como objetivo pretende-se analisar as obras *Mamadu: o herói surdo* (2007) e *Tibe e Joca: uma história de dois mundos* (2001) com vistas a evidenciar o processo de formação humana do sujeito surdo a partir das relações familiares e sociais. Como objetivos específicos: analisar o processo de formação humana na perspectiva literária de Antonio Candido; identificar a presença da Literatura Surda, e sua representatividade, no Brasil e em Portugal; contextualizar as relações familiares e sociais, as quais o sujeito surdo está exposto, nas obras que compõem o *corpus* de análise; e, por fim, apresentar o processo de formação humana do sujeito surdo sob a ótica das obras *Mamadu: o herói surdo* (2007) e *Tibe e Joca: uma história de dois mundos* (2001). Como metodologia empregou-se uma pesquisa de cunho teórico-crítico, portanto bibliográfica, por meio da análise das obras literárias citadas à luz do referencial teórico. Para a construção do referencial teórico utilizou-se as ideias de Antonio Candido (2004 e 2006) e Edgar Morin (2004) sobre literatura e formação humana; Karin Strobel (2008), Gladis Perlin (2018), Lodenir Karnopp (2011) e Luiz Claudio da Costa Carvalho (2019) a respeito da Literatura Surda; e Marta Morgado (2011) acerca da Literatura Gestual Portuguesa; dentre outros que potencializaram as reflexões. Assim, a discussão demonstra, por meio das narrativas literárias analisadas, que a formação humana do sujeito surdo encontra-se intimamente ligada às relações às quais o indivíduo encontra-se exposto, em especial as relações familiares, contexto que tem como um de seus papéis aproximar o surdo ao contexto literário, com vistas a propiciar-lhe a formação humana por meio da construção de reflexões.

Palavras-chave: Literatura Gestual Portuguesa; Literatura Surda; Mamadu; Tibi e Joca; Formação Humana; Relações familiares.

ABSTRACT

Literature, by enabling reflections that provide, in human beings, personal and social education, opens spaces for discussion in different contexts, among these the field of Deaf Literature, which focuses on the deaf and the Deaf Culture. In this sense, this dissertation has as its theme “The human formation of the deaf subject from the perspective of socio-family relationships present in portuguese and brazilian deaf literature”, and proposes a reflection based on the analysis of the works *Mamadu: o herói surdo* (2007), by the Portuguese writer Marta Morgado e *Tibe e Joca: uma história de dois mundos* (2001), by the Brazilian writer Cláudia Bisol. The first presents a deaf character named Mamadu who moves from country to country to have access to their language and culture, since he was born in a territory incapable of enabling the development of deaf children, as he does not know the Deaf Culture. In the second, a narrative is built from the deaf character who lives between two worlds, that of oral language and that of sign language, and the process of discovering himself. The problem is: How is the human formation of the deaf person processed from the perspective of family and social relationships? The objective is to analyze the works *Mamadu: o herói surdo* (2007) and *Tibe e Joca: uma história de dois mundos* (2001), with a view to highlighting the process of human formation of the deaf subject from family and social relationships. As specific objectives: To analyze the process of human formation in the literary perspective of Antonio Candido; Identify the presence of Deaf Literature, and its representation, in Brazil and Portugal; Contextualize family and social relationships, to which the deaf person is exposed, in the works that make up the corpus of analysis; And, finally, to present the process of human formation of the deaf subject from the perspective of the works *Mamadu: o herói surdo*(2007) and *Tibe e Joca: uma história de dois mundos* (2001). As a methodology, a theoretical-critical research, therefore bibliographical, was used, through the analysis of the cited literary works. For the construction of the theoretical framework, the ideas of Antonio Candido (2004 and 2006), Edgar Morin (2004) on literature and human formation were used; Karin Strobel (2008), Gladis Perlin (2018), Lodenir Karnopp (2011) and Luiz Claudio da Costa Carvalho (2019) about Deaf Literature; and Marta Morgado (2011) on Portuguese Gesture Literature; among others that enhanced the reflections. Thus, the discussion to demonstrate, through the analyzed literary narratives, that the human formation of the deaf subject is closely linked to the relationships to which the individual is exposed, especially family relationships, a context that has as one of their roles, bring the deaf closer to the literary context, with a view to providing them with human formation through the construction of reflections.

Keywords: Portuguesa Sing Literature; Deaf Literature; Mamadu; Tibi and Joca; Human Formation; Family relationships.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Joca (surdo): Protagonista a Literatura Surda	17
Figura 2- Literatura e formação de Identidade Surda	21
Figura 3- Joca: A descoberta do mundo surdo	22
Figura 4- Primeiros vestígios de Literatura em Língua Gestual	32
Figura 5- Capa da obra <i>Luanda Lua</i> (2012)	43
Figura 6- Capa da obra <i>Sou Asas</i> (2009)	44
Figura 7- Capa do livro <i>Despertar do silêncio</i> (2004)	51
Figura 8- Capa do livro <i>Mamadu: o herói surdo</i> (2007)	57
Figura 9- Mamadu tomando banho no Alguidar	58
Figura 10- Mamadu: Escola de Surdos	62
Figura 11- Mamadu: O mundo em Língua Gestual	62
Figura 12- Mamadu: As aventuras	63
Figura 13- Mamadu: Contando histórias	65
Figura 14- Carta de Mamadu à amiga Mana	66
Figura 15- Escola Nacional de Surdos da Guiné-Bissau	67
Figura 16- Capa do livro <i>Tibi e Joca: Uma história de dois mundos</i> (2001)	69
Figura 17- Nascimento de Joca	70
Figura 18- Joca: Indício de surdez	70
Figura 19- Confirmação da surdez	71
Figura 20- Joca: Viagem ao mundo dos surdos	72
Figura 21- Joca: Encontro com a língua de sinais	73
Figura 22- Joca e seus pares	74
Figura 23- Dois mundos in(separáveis)	74
Figura 24- Família e Língua de sinais: Humanização	75

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 – LITERATURA E FORMAÇÃO HUMANA	12
1.1. Literatura: A manifestação humana por meio da escrita	12
1.2. Literatura no contexto familiar.....	23
1.3. Literatura Surda Brasileira e Lusitana: Considerações.....	30
1.3.1. Literatura Gestual Portuguesa.....	31
1.3.2. Literatura Surda Brasileira.....	34
CAPÍTULO 2 – FAMÍLIA: PERSPECTIVAS NA LITERATURA SURDA	40
2.1 . A representação da família na Literatura Surda Brasileira.....	41
2.2. A representação da família na Literatura Gestual Portuguesa	47
CAPÍTULO 3 – <i>MAMADU: O HERÓI SURDO (2007) E TIBE E JOCA: UMA HISTÓRIA DE DOIS MUNDOS (2001): A FORMAÇÃO HUMANA EM PERSPECTIVA</i>	55
3.1. <i>Mamadu: o herói Surdo</i>	55
3.2. <i>Tibi e Joca: uma história de dois mundos</i>	68
3.3. Representação da família nos processos de formação humana em Marta Morgado e Cláudia Bisol	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	82

INTRODUÇÃO

Muito se tem discutido sobre a função da Literatura na sociedade. De fato, assim como dito por Antonio Candido, muitos críticos concordam que a literatura é, além do ato de fruir, de passatempo e do prazer, um instrumento de desalienação social. A literatura é capaz de retratar e de discutir o ser humano como um todo, em toda a sua complexidade e especificidades. Nesse sentido, a literatura acaba por contribuir com a formação da sociedade, do indivíduo e, conseqüentemente, traz à baila, também, o debate sobre questões familiares e suas mais diversas concepções.

Ao propiciar reflexões sobre o ser humano e suas diversidades, a literatura torna-se território fecundo e necessário à vida. Neste sentido, o desenvolvimento desse trabalho, que tem como foco a Literatura Surda e a formação humana, para além de discutir sobre a Comunidade Surda¹, apresenta-se como espaço para autorreflexão, pois ao perder a minha audição aos treze anos, me encontrei na fronteira entre surdos e ouvintes, dois mundos tão próximos e, por vezes, tão distantes.

Nasci ouvinte e, até os treze anos, vivi no mundo de ouvintes, comunicava-me por meio da língua portuguesa, minha vida era como a de todas as crianças ouvintes que brincavam, estudavam e se divertiam fazendo uso da língua majoritária para se comunicar. Contudo, sem que me desse conta fui perdendo a audição, eram constantes as inflamações na garganta e nos ouvidos, que culminaram na minha surdez, abro aqui um parêntese para dizer que na verdade não foi comprovado tal fato como causador da minha surdez, pois como tenho primos de primeiro e segundo graus que são surdos, os médicos, naquela época, não deixaram claro o motivo da minha perda auditiva. Conforme falado, a minha surdez foi gradual, não me dava conta que não estava ouvindo, pois eu fazia leitura labial e cheguei a confundir ouvir com fazer leitura labial, até que um dia em sala de aula, a professora estava explicando a matéria e quando ela virou de costas parei de receber a informação, esse dia foi o divisor de águas na minha vida, comecei a me identificar como não ouvinte. A escola que eu estudava deixou claro que eu não podia estudar mais lá, naquela época não se falava em inclusão, mudei de escola, comecei a estudar em uma escola especial que marcou a minha vida, a Escola Estadual Abdias Dias de Souza, e foi ali que me identifiquei como Surda, em três meses aprendi a Língua de Sinais, e comecei a fazer parte da Comunidade Surda. Terminei o

¹Neste estudo, o termo Surdo(a) será utilizado com a inicial “S” maiúscula, pois adota conceitos de autores que analisam o Surdo sob a perspectiva da identidade, cultura e linguística, com suas experiências embasadas no aspecto visual (SACKS, 2010; SÁNCHEZ, 1999).

Ensino Médio, fiz cursinho pré-vestibular, passei no Curso de Pedagogia na Universidade Estadual de Montes Claros, me formei, e cabe destacar que foi no Ensino Superior que tive o direito de acesso às aulas por meio do profissional Intérprete de Libras, uma vitória, na mesma universidade fiz a Pós-Graduação em Libras com ênfase em interpretação. Profissionalmente, comecei a dar aulas de Libras na Ademoc (Associação dos Deficientes de Montes Claros), depois na ASMOC (Associação de Surdos de Montes Claros), nesses espaços atuei de forma voluntária, meu objetivo era disseminar a Libras para surdos e ouvintes de Montes Claros, trabalhei como instrutora de Libras na Secretaria Municipal de Educação de Montes Claros e no Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e Atendimento às Pessoas com Surdez (CAS/MOC), fui aprovada no concurso para professor de Libras na Unimontes, onde trabalho atualmente e me sinto muito realizada. Durante toda a minha trajetória contei, e conto, com o apoio incondicional dos meus pais, irmãs, sobrinhos e amigos. Hoje sou casada, tenho uma filha de um ano e dois meses (Laísa, razão da minha existência), o que me faz, extremamente, realizada e feliz.

Ao conhecer e fazer parte da Comunidade Surda percebi o quanto os Surdos, principalmente as crianças Surdas, se deparam com barreiras que dificultam a sua formação humana, barreiras essas que se estabelecem por meio da falta de sua língua, a língua de sinais, bem como o distanciamento entre o filho Surdo e seus familiares ouvintes. Assim, na minha trajetória como militante das causas da Comunidade Surda e como professora de Libras deparei-me com Surdos e suas mais diversas dificuldades, dentre elas as relações familiares. Dessa forma o presente trabalho é a realização de um desejo pessoal, por trazer para a academia e para o campo de pesquisa uma das questões que perpassam a vida dos surdos, o desenvolvimento humano no contexto familiar.

Em se tratando da Comunidade Surda, grupo que a Literatura Surda busca retratar e discutir em primeira instância, o fator família parece ser um grande tema a ser refletido, visto ser na família que o indivíduo surdo enfrenta os seus primeiros desafios de aceitação e de superação, principalmente, e de modo bastante peculiar quando se trata de famílias ouvintes com filho(a) Surdo(a). Dessa maneira, poucas pesquisas sobre a importância da família no processo de construção de identidade da criança Surda por meio das representações literárias podem ser encontradas. Por outro lado, é sabido que é nos estudos sobre a Comunidade Surda, como o apresentado por Karin Strobel, em sua obra *As imagens do outro sobre a cultura surda* (2008), que a constituição do sujeito Surdo e do sentido de pertencimento ao grupo,

torna-se necessário o contato com seus pares, tendo a premissa da Língua de Sinais presente nesse contato.

Vale dizer que o desenvolvimento cognitivo, pessoal e social dos Surdos que encontraram seu espaço de representatividade é gradual e mantém uma forte relação com as pessoas que estão ao seu redor. Dessa forma, propomos como tema desta pesquisa “A constituição humana do sujeito Surdo sob a ótica das relações sociofamiliares por meio da representação literária”. Cujo debate será refletido a partir da Literatura Surda, uma vez que essa apresenta aspectos subjetivos inerentes aos Surdos e às suas relações.

Para o desenvolvimento do presente trabalho, partiremos do seguinte problema: como a Literatura Surda apresenta a formação humana do sujeito Surdo sob a ótica das relações familiares e sociais por meio das representações das personagens de ficção?

Pretende-se como objetivo geral analisar as obras *Mamadu: o herói surdo* (2007), da escritora portuguesa Marta Morgado e *Tibe e Joca: uma história de dois mundos* (2001), da escritora brasileira Cláudia Bisol, com vistas a evidenciar o processo de formação humana do sujeito Surdo a partir das relações familiares e sociais; além de verificar como essas duas culturas de países diferentes se aproximam ou se distanciam em se tratando da presença do surdo em família. Como objetivos específicos busca-se analisar o processo de formação humana na perspectiva literária de Antonio Candido; identificar a presença da Literatura Surda, e sua representatividade, no Brasil e em Portugal; contextualizar as relações familiares e sociais, as quais o sujeito Surdo está exposto, nas obras que compõem o *corpus* de análise; e, por fim, apresentar o processo de formação humana do sujeito surdo sob a ótica das obras *Mamadu: o herói surdo* (2007) e *Tibe e Joca: uma história de dois mundos* (2001).

Como metodologia foi realizada uma pesquisa de cunho teórico-crítico, portanto bibliográfica, por meio da análise das obras literárias citadas, embasada nas perspectivas de Antonio Candido (2004 e 2006), Karin Strobel (2008) e Edgar Morin (2004), sobre literatura para humanização, Literatura Surda, aspectos culturais do povo Surdo e conhecimentos necessários ao desenvolvimento humano, respectivamente, dentre outros autores que poderão enriquecer essa reflexão.

Dessa forma, o presente trabalho constitui-se por três capítulos, sendo apresentados: no primeiro capítulo faz-se uma aproximação entre literatura e formação humana, por meio de reflexões acerca da escrita literária como forma de manifestação humana, a literatura no contexto familiar, Literatura Surda Brasileira e Literatura Gestual Portuguesa, bem como serão elucidadas algumas considerações a respeito da Literatura Surda brasileira e lusitana,

que propiciará o desenrolar das reflexões. No segundo capítulo, será aprofundada a reflexão sobre a perspectiva da família no contexto da Literatura Surda, por meio da construção de ideias que permeiam a representação da família na Literatura Surda Brasileira e na Literatura Gestual Portuguesa. E, por fim, no terceiro capítulo serão analisadas as obras *Mamadu: o herói surdo* (2007) e *Tibe e Joca: uma história de dois mundos* (2001), de forma a elucidar o enredo, o contexto histórico, dentre outros elementos presentes nas mesmas, logo após far-se-á a análise das obras em questão à luz do referencial teórico construído acerca da formação humana a partir da literatura.

Ao final dessa pesquisa pretende-se demonstrar, por meio das narrativas literárias analisadas, que a formação humana do sujeito Surdo pode encontrar-se intimamente ligada às relações às quais o indivíduo encontra-se exposto, bem como a compreensão de si como sujeito Surdo que integra uma comunidade, que faz uso de estratégias visuais para comunicar-se.

CAPÍTULO 1 - LITERATURA SURDA E FORMAÇÃO HUMANA

“No âmago da leitura ou do espetáculo cinematográfico, a magia do livro ou do filme faz-nos compreender o que não compreendemos na vida comum. Nessa vida comum, percebemos os outros apenas de forma exterior, ao passo que na tela e nas páginas do livro eles nos surgem em todas as suas dimensões, subjetivas e objetivas”.

(Edgar Morin)

O presente capítulo apresenta considerações acerca da literatura como campo de manifestações humanas, ou seja, marcas culturais; assim, são elucidadas as ideias de Antonio Candido acerca da literatura como direito e como artefato de humanização, propõe-se, ainda, uma discussão sobre a literatura como herança, onde a família desempenha um papel de extrema relevância para que histórias sejam passadas de geração em geração.

Nesse contexto, são evidenciadas as manifestações literárias da Comunidade Surda, que possibilitam transmitir e, sobretudo, refletir, sobre os valores e especificidades que permeiam e constituem a identidade e a Cultura Surda. Assim, esse capítulo traz discussões que aproximam Literatura Surda, contexto familiar e formação humana.

1.1 Literatura: A manifestação humana por meio da escrita

Buscando, dentre outras formas, tecer uma narrativa sobre a formação humana sob a perspectiva da literatura, Antonio Candido apresenta no ciclo de palestras sobre Direitos Humanos na Faculdade de Direito da USP, no ano de 1988, e publica na versão impressa pela primeira vez em 1989 o texto intitulado “O direito à literatura”, no qual expõe a literatura como sendo a “[...] manifestação universal de todos os homens de todos os tempos” (CANDIDO, 2004, p. 174), nesse sentido, pode-se perceber que essa forma de expressão tende a denunciar ou deixar transparecer várias realidades vivenciadas ou imaginadas pelos seres humanos, às quais têm influência em seu cotidiano. Candido reconhece a literatura como

parte da vida, pois querendo ou não, todos em algum momento do dia “[...] mergulha[m] no universo de ficção ou poesia” (CANDIDO, 2004, p. 175), universo esse que se manifesta de diversas maneiras, dentre elas no contexto literário.

Nessa perspectiva, a Literatura Surda nas suas mais diversas manifestações, dentre essas os contos de fadas, proporcionam processos imaginativos por meio de personagens Surdos que representam a história e a cultura do povo surdo.

São exemplos os clássicos *O Patinho Feio* e *Cinderela*, que foram adaptados, respectivamente, para *Patinho Surdo* (2005) e *Cinderela Surda* (2003). Nas obras em questão, os protagonistas são surdos e evidenciam a comunicação por meio da Língua de Sinais, a qual é a responsável pelo desenvolvimento do autoconhecimento e da identidade dos personagens surdos (SANTOS, 2021, 43-44).

Tais produções constituem um dos tipos de manifestação da Literatura Surda denominada *adaptação*, que tem como foco a representação do sujeito Surdo e sua cultura, por meio da modificação de enredos e personagens do universo literário ouvinte. Em tais produções,

[...] os personagens principais são surdos e o enredo da história muda um pouco. Os autores desses livros conhecem os clássicos da literatura mundial, reconhecem nessas histórias valores culturais e realizam adaptação para Cultura Surda, de forma que o discurso traz representações sobre os surdos. De modo semelhante, seria possível realizar adaptações de vários gêneros literários, assim transformando as histórias já conhecidas (MOURÃO, 2011, p. 54).

Como exemplo, podemos citar a obra *Cinderela Surda* (2003), onde “Cinderela e o príncipe eram Surdos e aprenderam a Língua de Sinais Francesa quando eram pequenos. Cinderela era filha de nobres franceses e aprendeu a Língua de Sinais com a comunidade de Surdos, nas ruas de Paris” (HESSEL, KARNOPP e ROSA, 2005, p. 6).

Os contos, os romances, as narrativas de diversas formas são expressões que transportam, conscientemente ou não, para o contato com vários aspectos da realidade, dentre eles o campo da educação, artefato esse que permite o jogo da intelectualidade, afetividade e da humanização. Dessa forma, essa reflexão corrobora e dialoga com a fala de Edgar Morin, que afirma que

São o romance e o filme que põem à mostra as relações do ser humano com o outro, com a sociedade, com o mundo. O romance do século XIX e o

cinema do século XX transportam-nos para dentro da História e pelos continentes, para dentro das guerras e da paz. E o milagre de um grande romance, como de um grande filme, é revelar a universalidade da condição humana, ao mergulhar na singularidade de destinos individuais localizados no tempo e no espaço (MORIN, 2003, p. 44).

A literatura faz parte da vida, como uma herança deixada pela família a seus filhos, nessa perspectiva Danièle Sallenave assegura que “[...] sem os livros, não herdamos nada. Com os livros, não é um mundo, é o *mundo* que nos é oferecido: dom que fazem os mortos aos que vêm depois deles” (DANIÈLE SALLENAVE *apud* PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 51), o que evidencia a literatura como elemento que perpassa gerações.

Nesse contexto de literatura e vida, percebe-se que a influência da família, junto com os profissionais da educação é de extrema relevância, para que a leitura seja reconhecida como um bem que não pode ser perdido, embora a prática da leitura em família pareça estar cada vez mais incomum, correndo o risco desse hábito ser deserdado por falta de orientações sobre o ato de ler, sobre a função dos livros e quando não se tem esta orientação, o que se lê pode provocar desinteresse do leitor pela literatura, assim é necessário utilizar os incentivos certos para que essa herança literária recebida não se torne um fardo na vida e sim um hábito prazeroso.

Na obra *Mamadu: o herói surdo* (2007), por exemplo, o personagem Mamadu, ao tomar consciência da importância da literatura para as crianças Surdas começa a contar histórias na língua gestual como forma de incentivar o hábito da leitura, “[...] já lhes contei histórias, já lhes ensinei muitas coisas” (MORGADO, 2007, p. 43), dessa forma, Mamadu reforça a importância da leitura e das histórias para todas as pessoas, principalmente as crianças.

Tendo em vista a importância da família, não só para o desenvolvimento do hábito da leitura, mas do próprio sujeito, a autora Surda, Karin Strobel evidencia o papel da família de Surdos para a transmissão cultural, “[...] nas outras famílias com todos os membros Surdos, dos avós até os filhos, passando por tios, tias, primos, e outros e assim eles passam pelo processo natural de transmissão da cultura Surda” (STROBEL, 2008, p. 52).

É sabido que o ato de ler possibilita conhecer realidades atuais ou já vividas, possibilita conhecer o mundo no qual o sujeito encontra-se inserido. Aquelas histórias nos livros ou aquelas contadas pelos antepassados levam o leitor a viagens por meio do imaginário, uma forma de vagar pelo passado, mesmo estando no presente, buscar as histórias, as lutas e as resistências daqueles que nos precederam. É nesse contexto que estão as

raízes históricas, ou seja, histórias que impulsionam o desejo de buscar uma identidade pessoal em meio a tantos acontecimentos de uma sociedade revolucionária, que se desenvolve a cada dia em busca de novos conceitos e formas de vida.

Desse modo, conforme afirma Gérison Lopes, Cristiane Tolomei e Fábio Souza, no livro *Libras, lingua(gem) e literatura: interfaces da identidade cultural surda*, publicado no ano de 2019,

[...] verifica-se a relevância da tradição de ouvir e contar histórias, enquanto estratégia para que os sujeitos conheçam a si e ao mundo que os cercam; possibilita a partir do conhecimento do passado (real ou inventado), os elementos necessários para a construção do presente, do futuro e, por que não dizer, de si mesmo enquanto sujeito (LOPES; TOLOMEI; SOUZA, 2019, p. 188).

Aqui, podemos fazer uma aproximação entre a ideia exposta e a literatura, que é citada por Perrone-Moisés (2016), como herança. Um tipo de herança jamais imaginada, mas tão relevante para aqueles que vivem a literatura, pois sendo ela um elemento que contribui com a formação humana de forma extensa e intensa, passa a possuir um grau de necessidade maior para os que a utilizam como forma de crescimento/desenvolvimento crítico e novas visões de mundo e para a formação da personalidade/identidade, onde as experiências passadas deixam marcas positivas ou negativas para que o presente e o futuro sejam algo com possibilidades de superação ou evolução.

A partir dos pressupostos evidenciados por Antonio Candido a respeito da literatura, faz-se importante ressaltar que essa compreende

Fatos eminentemente associativos; obras e atitudes que exprimem certas relações dos homens entre si, e que, tomadas em conjunto, representam uma socialização dos seus impulsos íntimos. Toda obra é pessoal, única e insubstituível, na medida em que brota de uma confiança, um esforço de pensamento, um assomo de intuição, tornando-se uma “expressão”. A literatura, porém, é coletiva, na medida em que requer uma certa comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem), e mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento, para chegar a uma “comunicação” (CANDIDO, 2006, p. 147).

Assim, entende-se que a literatura trata de uma área do conhecimento que traz em si as experiências vividas e possibilita o compartilhamento dessas experiências com o próximo. Pode-se inferir que a literatura tem a missão de transformar individual e/ou coletivamente, ou seja, a vivência dos antepassados, que perpassa gerações, caminha em um ciclo onde o que é

escrito, falado ou expressado proporciona modificações nos sujeitos que entram em contato com esses registros, ou seja, favorece a transformação e formação humana, bem como o desenvolvimento da subjetividade.

Partindo do pressuposto que a literatura atua como fonte de formação humana, Candido ressalta que,

Isso significa que ela tem papel formador da personalidade, mas não segundo as convenções; seria antes segundo a força indiscriminada e poderosa da própria realidade. Por isso, nas mãos do leitor o livro poder ser fator de perturbação e mesmo de risco (CANDIDO, 2006, p. 175-176).

Com essas palavras, nota-se a forte influência da literatura na vida pessoal e social, pois ela instiga reflexões de acordo com o presente momento em que se encontra o sujeito, com isso, “Literatura, poesia e cinema devem ser considerados não apenas, nem principalmente, objetos de análises gramaticais, sintáticas ou semióticas, mas também escolas de vida, em seus múltiplos sentidos” (MORIN, 2003, p. 48). Aquele que lê, ou aquele que ouve carrega consigo conhecimentos científicos, religiosos, literários, empíricos dentre outros, os quais têm influência na subjetividade, refletindo posteriormente nas relações sociais.

Quando se fala em literatura, depara-se com inúmeras produções de cunho crítico, político, ético, entre outros aspectos presentes nos vários movimentos de grupos marginais², tais como: nos movimentos indígenas, negros, Surdos, dentre outros. Desse modo, tendo como perspectiva a Comunidade Surda e, mais especificamente, a Literatura Surda, Lodenir Karnopp afirma que:

A Literatura Surda tem uma tradição diferente, próxima a culturas que transmitem suas histórias oral e presencialmente. Ela se manifesta nas histórias contadas em sinais, mas o registro de histórias contadas no passado permanece na memória de algumas pessoas ou foram esquecidas (KARNOPP, 2008, p. 1).

Como a literatura das culturas ouvintes, a Literatura Surda carrega manifestações históricas, tendo igualmente o poder de atuação como fator relevante na formação da personalidade e subjetividade humana do sujeito Surdo, ou seja, o protagonista da literatura. Nessa perspectiva, é o próprio Surdo, com sua Língua de Sinais, suas histórias, suas

²“A expressão ‘literatura marginal’ serviu para classificar as obras literárias produzidas e veiculadas à margem do corredor editorial; que não pertencem ou que se opõem aos cânones estabelecidos; que são de autoria de escritores originários de grupos sociais marginalizados; ou ainda, que tematizam o que é peculiar aos sujeitos e espaços tidos como ‘marginais’” (NASCIMENTO, 2006, p. 1).

resistências e anseios, suas piadas carregadas de inconformidades ou superações relacionadas ao ouvintismo³. Assim, conforme os pesquisadores Marcio Jean Fialho de Sousa e Shirley Vilhalva, no texto “As poesias licenciosas: interface da escrita feminina surda” (2021), “[...] a literatura Surda que por si só já denota performances de protesto e resistência, busca o estabelecimento da identidade do sujeito Surdo, a propagação apologética da Língua de Sinais, entre outras tantas lutas tão caras à comunidade Surda” (SOUSA e VILHALVA, 2021, p. 3).

Como exemplo dessa literatura, podemos evidenciar o personagem surdo chamado Joca, da obra *Tibe e Joca: Uma história de dois mundos*, que apresenta sua trajetória de vida, suas dificuldades, até o reconhecimento da sua língua, a Língua de Sinais, o que possibilita interagir e se desenvolver. A obra em questão desenvolve seu enredo por meio de estratégias visuais, não fazendo uso da língua escrita, ou seja, há o predomínio de imagens e algumas onomatopéias, o que torna o livro visual, apenas.

Figura 1- Joca (surdo): Protagonista na Literatura Surda



Fonte: Bisol, 2001, p. 19.

De acordo com o exposto, a Literatura Surda tem como principal foco a representação do Sujeito Surdo, sujeito esse que constitui uma cultura própria carregada de especificidades que possibilitam a criação de sentidos, que constitui o seu mundo, o mundo Surdo. Assim, ao pensar em sujeito Surdo, pensa-se, também, em identidade Surda, que se forma a partir da interação entre o sujeito Surdo e o meio, conforme corrobora o sociólogo britânico-jamaicano Stuart Hall, em sua obra *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006):

³São “as representações dos ouvintes sobre a surdez e sobre os surdos [...]. Trata-se de um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte” (SKLIAR, 1998. p. 15).

[...] a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade e o sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem (HALL, 2006 p. 11).

Nesse sentido, o sujeito surdo constitui-se a partir de suas relações. Quando não exposto à Língua de Sinais tende a não desenvolver autonomia, já quando ocorre o contrário, ou seja, ao cultivar relações permeadas pela Língua de Sinais, torna-se ativo, dando abertura a um novo conceito de surdez, no qual tem o seu exercício de poder legitimado na sociedade. O exposto corrobora a fala da autora surda Karin Strobel acerca das relações entre crianças Surdas e adultos Surdos, segundo ela “[...] através de uma língua em comum, que é a Língua de Sinais, é que proporcionará o acesso à linguagem e, desta forma, estará também assegurada a identidade e a cultura Surda, que é transmitida naturalmente à criança Surda em contato com a comunidade Surda” (STROBEL, 2008, p. 41).

A ideia de sujeito Surdo, exposta acima, pode ser aproximada à concepção de identidade do sujeito pós-moderno, elucidada por Stuart Hall (2006), ao apresentar três possibilidades de identidade do sujeito. Para Hall a identidade do sujeito pós-moderno

É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2006, p. 12-13).

Nessa perspectiva, o sujeito Surdo encontra-se em constante processo de constituição, tendo em vista as relações que mantém no decorrer da sua vida. Contudo, cabe destacar o papel marcante da Língua de Sinais nesse processo, as relações permeadas por essa língua propiciam ao sujeito Surdo o reconhecimento de si, tanto no nível pessoal quanto coletivo.

No que tange à constituição do sujeito Surdo, o pesquisador Luiz Claudio da Costa Carvalho, em sua obra *Lendas da Identidade: O conceito de Literatura Surda em perspectiva* (2019), chama a atenção ao fato de que

[...] o sujeito surdo é ao mesmo tempo integrante da formação cultural e social que compartilha uma língua nacional ou equivalente, mas, por outro lado, demanda o uso de traduções/versões/mediações para absorver plenamente os conteúdos éticos/estéticos presentes no meio social e cultural onde vive (CARVALHO, 2019, p. 157).

Mas, de que maneira ocorre a influência da literatura sobre a formação humana do sujeito Surdo? Conforme Candido: “[...] toda obra literária é antes de mais nada uma espécie de objeto, de objeto construído; e é grande o poder humanizador desta construção, *enquanto construção*” (CANDIDO, 2004, p. 177). Assim, tendo em vista que a literatura carrega em si o caráter humanizador, pode-se dizer que no contexto da Literatura Surda, ao contar histórias que têm os sujeitos Surdos como protagonistas, transmite-se os conhecimentos sobre a cultura e identidade Surda para outros Surdos que estão em fase de desenvolvimento e construção subjetiva e humana.

Tal construção ocorre tanto nas famílias de ouvintes quanto nas formadas por Surdos e, à medida que vai se delineando, possibilita ao indivíduo a construção de identidade. Torna-se, pois, inegável o papel da literatura entre as comunidades formadas por Surdos (LOPES; TOLOMEI e SOUZA, 2019, p. 184).

Com base nessa colocação, fica evidente a relevância da Literatura Surda na vida pessoal e social do sujeito Surdo. Contudo, torna-se interessante trazer a perspectiva do autor Luiz Claudio da Costa Carvalho (2019), uma vez que, ao destacar e refletir sobre produções no contexto da Literatura Surda feita por ouvintes, ele afirma:

São aqui destacados porque, sem dúvida, são a base da reflexão fundamental sobre o tema, muitos dos outros autores pesquisados partem deles, além de terem uma repercussão significativa entre aqueles que se descrevem como integrantes do Povo Surdo ou seus intelectuais surdos e ouvintes (CARVALHO, 2019, p. 31).

Nesse sentido, a Literatura Surda produzida por Surdos e ouvintes passa a ser vivida e transmitida de geração em geração formando/moldando o ser humano, as famílias de Surdos também utilizam da literatura, de forma consciente ou não, para instruir, formar e humanizar seus filhos/descendentes de acordo com as vivências Surdas, isso através das infinitas histórias, contos, piadas, narrativas que perpetuam os traços identitários do povo Surdo.

Em seus estudos sobre a literatura passada de geração em geração, Marta Morgado evidencia que

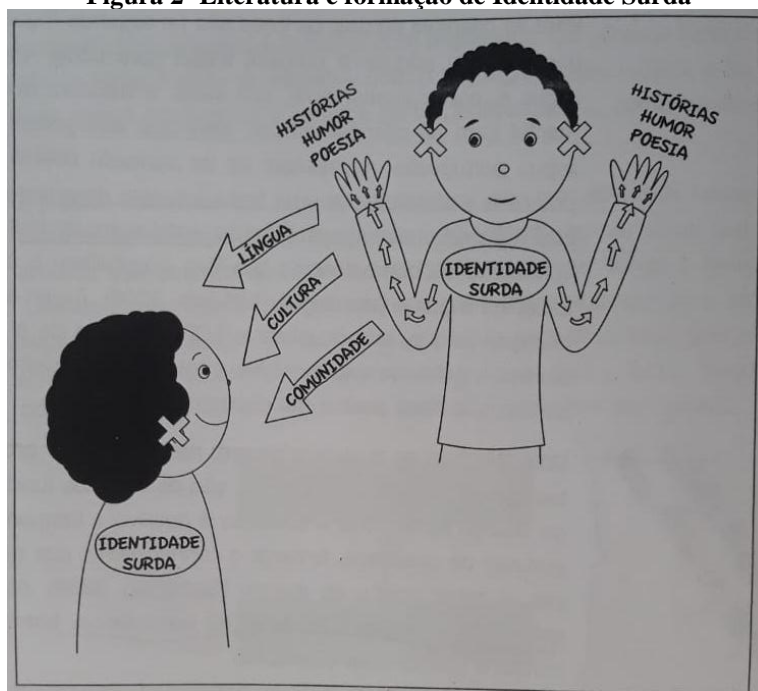
[...] a criança surda necessita de receber valores das gerações de surdos mais velhos, pois é através delas que as crianças vão descobrir o seu “eu” e formar uma identidade. As gerações mais antigas de surdos têm de passar as suas “tradições” às mais novas, senão colocam em perigo de extinção a língua e a comunidade a que pertencem (MORGADO, 2011, p. 35).

Como exemplo da Literatura Surda pode ser citada a obra *Patinho Surdo*, de Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp (2011), que faz parte da Literatura Surda adaptada⁴, visto que é uma obra construída a partir do conto *O Patinho Feio*, publicado pelo escritor dinamarquês Hans Christian Andersen, inserido na obra *Contos de Andersen*, em 1996. Supracitado livro traz em si os aspectos culturais dos Surdos, realidades vivenciadas por sujeitos Surdos, ou seja, o personagem principal, que é um patinho Surdo, nasce em um ninho de cisnes ouvintes, a partir daí tenta viver de acordo com o jeito/cultura deles, só que havia muitas barreiras e a principal delas era a comunicação, até que um dia encontra outros patinhos se comunicando em sinais e se aproxima deles, o contato efetivado surte um efeito positivo, já que por meio do uso dos sinais tudo ficava mais compreensível, logo depois descobre que havia nascido em um ninho errado e assim encontra a sua verdadeira família, uma família de patos Surdos.

A história mostra um encontro que tem como consequência a identificação linguística e cultural, que reflete a vida de muitos sujeitos Surdos, onde a família, em sua maioria, é ouvinte, e ele, o Surdo, tenta seguir a vida de acordo com as especificidades de sua família ouvinte, até que ele encontra seu par Surdo e, nesse momento, inicia uma nova forma de comunicar e de viver. Afinal de contas, é nesse momento mágico que o Surdo passa a ter conhecimento tanto da existência da sua Língua de Sinais, quanto da cultura e identidade surda, passando a apropriar-se das informações que lhes eram negadas ou inacessíveis. Tal processo pode ser compreendido a partir da imagem abaixo.

⁴Que corresponde às “adaptações de histórias ou de contos de fadas que existem há anos. Em todos esses livros, os personagens principais são surdos e o enredo da história tem transformações para se adaptar à cultura surda” (MOURÃO, 2012, p. 3- 4).

Figura 2- Literatura e formação de Identidade Surda



Fonte: Morgado (2011, p. 14).

Assim, a Literatura Surda, ao desempenhar a função de formação humana, tende a favorecer o processo de formação de subjetividade da criança Surda, transmitir a ela os aspectos culturais da comunidade Surda, ou seja, possibilitar o acesso às fontes de sua história como um todo. A história do povo Surdo ao qual ela pertence, a Língua de Sinais, a identidade, a comunidade Surda, entre outros aspectos relevantes. Esse processo de transmissão cultural é denominado por Edgar Morin de “comunidade de destino”,

Esse destino comum, memorizado, transmitido, de geração a geração, pela família, por cânticos, músicas, danças, poesias e livros; depois pela escola, que integra o passado nacional às mentes infantis, onde são ressuscitados os sofrimentos, as mortes, as vitórias, as glórias da história nacional, os martírios e proezas de seus heróis. Assim, a própria identificação com o passado torna presente a comunidade de destino (MORIN, 2003, p. 67).

Dentre as diversas formas de transmissão cultural do povo Surdo, que caracteriza a comunidade de destino, podemos citar *Tibe e Joca: Uma história de dois mundos* (2011) que, por meio de imagens, apresenta o despertar do personagem Joca, através da descoberta da Língua de Sinais e da Cultura Surda.

Figura 3- Joca: A descoberta do mundo surdo



Fonte: Bisol (2001, p. 18).

Nesse sentido, Luiz Claudio da Costa Carvalho, em suas pesquisas acerca do conceito de Literatura Surda, reitera que “[...] seja lá o que for, é óbvio que existe Literatura Surda. E ocupa um lugar importante no universo simbólico dos Surdos que se narram como exclusivamente integrantes de uma minoria linguística” (CARVALHO, 2019, p. 30).

Conforme Candido, a literatura pode ser percebida sob três aspectos:

[...] (1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão de mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente (CANDIDO, 2004, p. 176).

Diante disso, nota-se que a literatura traz significado à existência humana, isto é, ela expõe, denuncia, explica, faz refletir sobre as formas/modos de vida, molda o sujeito e a sua subjetividade e individualidade a partir do outro. A identidade pessoal é descoberta e explorada através do outro, dos pares, funcionando como um espelho que possibilita reflexões, escolhas e até mesmo aceitação. Quando os pares Surdos se juntam, o sentimento de deficiência e de impotência dá lugar ao sentimento de pertencimento, de acolhimento, compreensão e partilha. Assim, esses Surdos encontram-se em um espaço que podem chamar de seu, tendo a Língua de Sinais como sua língua de referência para comunicação e apropriação de conhecimento de mundo, segundo a pesquisadora Gladis Dalcin,

O encontro com a comunidade Surda permitiu-lhes sair do lugar do diferente, do excluído, do estranho, do estrangeiro para o de “pertencimento”

a um lugar, lugar onde se encontram como iguais, onde se sentem entendidos e efetivamente conseguem estabelecer uma relação de troca (DALCIN, 2005, p. 114).

Desse modo, a Literatura Surda permite ao Surdo situar-se entre seus pares Surdos, passando a servir como estratégia de construção de sua identidade Surda, pois é no contato Surdo-Surdo que as vivências vão sendo transmitidas e internalizadas, provocando o conhecimento de si e do outro no mesmo espaço de trocas.

Outros contos adaptados que trazem aspectos culturais surdos são *Cinderela Surda* (2005) e *Rapunzel Surda* (2003), ambos publicados por Hessel, Rosa e Karnopp, cujo enredo traz em si elementos culturais da comunidade Surda, como o uso da Língua de Sinais, personagens Surdos, aprendizagem da Língua de Sinais por personagens ouvintes, bem como a identificação linguística e cultural.

Esses artefatos são utilizados como estratégias de fazer chegar ao Surdo os conhecimentos necessários à vida pessoal e social de forma consciente, visto que a capacidade de desenvolvimento do indivíduo tem reflexo da sociedade em que vive e participa.

1.2 Literatura no Contexto Familiar

Os livros literários são portais para o conhecimento de si, do outro e do espaço em que se vive, eles remetem o indivíduo à sabedoria dos antepassados que, geralmente, instiga a reflexão. Dessa forma,

[...] pode-se entender que a leitura literária configura-se como uma prática social, cujos significados e sentidos poderão ser internalizados pelo sujeito a partir das interações com o “outro”, o qual realiza a mediação entre o sujeito e essas práticas, desde a infância. O processo de constituição do sujeito como leitor autônomo, segundo a abordagem aqui assumida, é determinado, portanto, pela história de mediação vivenciada através das práticas de leitura e das marcas afetivas por elas impressas no sujeito, a partir das experiências vivenciadas ao longo da vida (ORLANDO e LEITE, 2018, p. 512).

Assim, leituras em família não funcionam apenas como diversão, mas também como importante instrumento que proporciona momentos reflexivos às crianças e a todos os envolvidos, conforme os pesquisadores Isabela Ramalho Orlando e Sérgio Antônio da Silva Leite, a “[...] observação de práticas de leitura realizadas pelos pais foi, para os seus sujeitos, um fator mais importante do que a mera existência de livros no ambiente familiar”

(ORLANDO e LEITE, 2018, p. 516), ou seja, a prática de leitura, como herança familiar, possibilita, além da fruição, a apropriação de conhecimentos, isto é, elementos notáveis para a aquisição e aumento de vocabulário, estimulação da imaginação do indivíduo, despertar da curiosidade, trabalhar os sentimentos e contribuir com a formação do senso crítico e interpretativo, além do desenvolvimento positivo no que se refere a conhecimentos em geral e também a soma da bagagem cultural.

Por esses aspectos, percebe-se que a prática de leitura no contexto familiar oferece significativo desenvolvimento para os envolvidos, dentre esses a criança. Cada elemento citado possibilita o desenvolvimento de diferentes áreas do conhecimento pessoal e social, assim, a formação do indivíduo se concretiza, vinculada à capacidade de ser independente e crítico.

Segundo os pesquisadores Ângela Maria Franco Martins de Paiva Balça, Fernando José Fraga de Azevedo e Lúcia Maria Fernandes Rodrigues Barros (2017), em relação à leitura, a família desenvolve dois papéis, papel de aproximador e papel de modelador: “Em relação ao papel de aproximador, as autoras consideram que será a família a facilitar os primeiros contactos da criança com o livro, a aproximar os primeiros livros, de forma prazerosa e afetiva” (BALÇA; AZEVEDO e BARROS, 2017, p. 715). Contudo, cabe ressaltar que, além da família, há outros contextos importantes que possibilitam a leitura, como por exemplo a escola.

A prática de leitura em família oferece à criança e aos envolvidos mais que fruição e entretenimento, possibilita o desenvolvimento de diversos aspectos como a percepção de mundo e criatividade, conforme o pesquisador Ricardo Azevedo:

[...] crianças são artífices do novo, das ideias que ainda ninguém teve, das concepções que vão suplantar as que temos atualmente. Para tanto elas precisam ter uma formação livre e criativa, precisam saber lidar com a ambiguidade, precisam aprender a se expressar, precisam aprender a ter coragem de dizer a palavra nova, o pensamento que ainda nunca foi pensado. Neste aspecto, a literatura pode dar uma grande e insubstituível contribuição (AZEVEDO, 2000, p. 6).

A leitura estimula a imaginação e criatividade da criança, visto que ela, por meio da imaginação, é levada a refletir sobre os acontecimentos e, assim, sua criatividade, nesse contexto, é estimulada de acordo com a sensibilização perante o conto. Ela pode imaginar um final diferente para aquela história, pode também querer modificar partes do texto, dentre outras coisas, e isso está ligado ao processo de imaginação que é inerente ao ser humano.

Contudo, cabe destacar que, para que a família possa oferecer essa formação literária ela precisa ter consciência do seu papel, conforme evidencia Balça, Azevedo e Barros (2017),

[...] para a mediação da leitura e para a promoção de uma educação literária é necessário um conjunto de conhecimentos em relação à literatura, em particular, nesse caso, da literatura infantil e juvenil, da ilustração, da cultura literária e estética, da relação entre as crianças e a leitura, das técnicas e estratégias de aproximação/animação do livro e da leitura para as crianças (BALÇA; AZEVEDO e BARROS, 2017, p. 718).

A cada leitura feita, um campo de vocabulário novo é acessado, ou seja, novas palavras são introduzidas ao conhecimento da criança, cujo momento possibilita e instiga o uso de novos léxicos no dia a dia. O conhecimento também sofre influência da leitura, visto que, a partir do momento em que se depara com uma informação a qual traz questionamentos, dúvidas, instiga a busca de conhecimentos, outras fontes, outras visões, outras versões. Assim, a leitura torna-se um elemento essencial para a formação do sujeito, pois “[...] o acesso pleno à tessitura verbal, num exercício hermenêutico sobre o texto, possibilitará a reflexão, a crítica, a construção” (BALÇA; AZEVEDO e BARROS, 2017, p. 718).

Essa perspectiva de leitura para criticidade pode se aproximar do exposto por Candido acerca da literatura, onde essa compreende a possibilidade de criação de significados, de expressão e percepção do mundo, além de ser uma forma de conhecimento.

Ainda na perspectiva da literatura para a formação humana, o pesquisador Marcio Jean Fialho de Sousa afirma que “Antonio Candido apresentou diversos estudos nos quais a literatura aparece como ponto fulcral para a formação de uma sociedade crítica, evolutiva, bem organizada socialmente e, principalmente, comprometida com o bem comum” (SOUSA, 2020, p. 169). Assim, corroborando ao exposto, a literatura encontra-se arraigada na sociedade e nos sujeitos que a constituem.

Tendo em vista a literatura como elemento que possibilita a formação humana e a aquisição de conhecimento de mundo, Morgado (2011) traz à tona a ‘Literacia⁵’ como processo vinculado ao contexto literário, segundo a autora,

[...] a Literacia pretende que o aluno saiba compreender, produzir e analisar diferentes tipos de discursos em LGP⁶, ter prazer no uso da língua como entretenimento e arte, ser crítico e criativo, compreender experiências, e

⁵“Capacidade de ler, de escrever, de compreender e de interpretar o que é lido; letramento, alfabetismo. Qualidade da pessoa letrada, de quem é capaz de adquirir conhecimento através da escrita e da leitura, para desenvolver suas capacidades” (DICIO, 2021, s/p).

⁶Língua Gestual Portuguesa.

interpretar significados. A Literacia engloba especificamente a compreensão em geral e a compreensão de narrativas em particular, os jogos linguísticos [...], a análise literária, incluindo a análise de narrativas [...], a produção de humor [...], a poesia [...], a dramatização [...] (MORGADO, 2011, p. 25).

Assim, dentre outras funções da prática de leitura, destaca-se a influência no comportamento sentimental da criança, o efeito faz parte do desenvolvimento emocional, sendo uma fase positiva para estimular a criança a trabalhar sua empatia.

Uma história, um conto ou qualquer outra narrativa por mais completa que seja sempre deixa uma brecha para questionamentos e, são esses questionamentos que instigam a curiosidade, a busca por mais informações, por mais detalhes e isso contribui de forma a criar indivíduos reflexivos, pois serão instigados a buscar respostas.

A partir dessas curiosidades, da busca por mais detalhes, encontra-se ou descobre-se fatos verdadeiros ou não, criando um momento reflexivo internamente e, com isso, transita-se pela formação do senso crítico, uma vez descobertas as razões pode-se tomar parte do que se acredita, do que acha certo e defender criticamente.

Quando Leyla Perrone-Moisés (2016) menciona sobre a literatura como herança cultural, entende-se o motivo, afinal, a literatura perpassa o tempo, transportando a cultura de geração em geração. Nesse ponto, a bagagem cultural dos antepassados está presente nos livros, nos contos, nas vivências, assim a literatura torna-se um portal mágico para que a cultura possa ser acessível às futuras gerações.

Todos esses pontos são considerados relevantes para o processo de formação da criança, seja ela ouvinte ou Surda, contanto que isso ocorra o mais natural possível em seu dia a dia,

[...] a Literatura Infantil é essencial para o crescimento da criança, faz parte das nossas heranças tradicionais contar histórias às crianças, quer seja em casa, na escola ou nos espaços sociais. Nas livrarias encontram-se áreas exclusivas para as crianças, onde elas podem explorar milhares de livros. Na televisão, aparecem ainda muitos desenhos animados que deveriam, apesar de tudo, ser sujeitos a uma seleção pedagógica por parte dos pais (MORGADO, 2011, p. 31).

Contudo, ao tratar sobre os estímulos voltados para a criança Surda, encontram-se barreiras de todos os tipos, a principal delas diz respeito à falta de comunicação entre pais ouvintes e criança Surda, uma vez que utilizam línguas de modalidade diferentes. Muitas famílias encontram dificuldades para aceitar a surdez do filho, se sentindo culpadas por tal situação, como no caso do depoimento de uma mãe de uma Surda:

[...] a partir de então, a dor e a culpa por minha filha não ouvir me acompanham. No dia do diagnóstico foi como se tivesse tirado um pedaço de mim, um sentimento indescritível de perda irrecuperável e uma dor comparável a um luto. Algo morre dentro de nós, porque morre nosso sonho de filho perfeito, de filho que não será julgado pela sociedade como deficiente, que não será rotulado como surdo (ESPINDOLA; ZIESMANN e BATISTA, 2018, p. 57).

Esse sentimento de culpa parece afetar muitas famílias que esperam que seus filhos sejam “perfeitos”. No entanto, nota-se que esse sentimento poderia estar ligado ao fato de não se conhecer sobre a surdez e não possuir soluções que possam facilitar a vida do indivíduo Surdo em sociedade, transformando esse momento de perda em angústia e incertezas.

Na realidade, eu não sabia nada sobre a surdez e sobre os surdos, nunca tinha conhecido um surdo pessoalmente, achava que o “surdo-mudo” [*sic*] era aquela pessoa que não falava e só gesticulava como eu tinha ouvido dizer. Por minha desinformação, naquele momento eu tinha receio de que meu filho ficasse igual a um “surdo-mudo” (STELLING, 2018, p. 90).

O desconhecido, muitas vezes, favorece o medo do julgamento externo da sociedade, o que gera mais desconforto ainda para a aceitação dessa diferença, ou seja, a aceitação da surdez do filho. Ao julgar com expressões antigas como “surdo-mudo⁷” ou ainda expressões clínicas como “deficiente” leva ao sentimento de incompetência, incapacidade do indivíduo e, por isso, as famílias ficam receosas quanto ao futuro desse filho Surdo.

Outro fato importante de mencionar aqui é sobre o atendimento clínico:

[...] após a avaliação e o diagnóstico da surdez, quem acompanhava esses pais era o médico pediatra ou otorrinolaringologista, quem nem sempre orientava a família a contento - no que se refere às questões escolares e de socialização, porque a formação de um médico não era pedagógica -, portanto não se concentrava nas necessidades dos pais no que se refere às esferas educativas e das interações linguísticas entre a criança surda, seus familiares e demais grupos sociais. Essa conduta clínica, até o presente momento, ainda parece ser a que predomina no atendimento inicial às crianças surdas de famílias ouvintes (STELLING, 2018, p. 93).

Nota-se que o primeiro passo diante da desconfiança da surdez do filho é a procura do atendimento clínico, que a partir daí é diagnosticado como deficiente auditivo e,

⁷“Os termos deficiente-auditivo, surdo-mudo e mudo são observados em muitas falas de pessoas leigas na discussão e/ou de especialistas dentro de uma posição que toma a surdez como uma patologia” (GESSER, 2016, p. 225). Assim, na perspectiva cultural que permeia as relações humanas, não mais se utiliza tais termos para se referir ao surdo na atualidade.

consequentemente, a busca por reabilitação auditiva recorrendo ao aparelho de ampliação sonora - AAS, além de também iniciar o estímulo do aprendizado da língua oral seguindo o método oralista⁸,

A recomendação oralista era muito rigorosa, chegando ao ponto de os professores afirmarem: se o deficiente auditivo aprender a linguagem gestual – ele terá dificuldades em oralizar, pois vai se acomodar com os gestos e não vai ter motivação para aprender o português (STELLING, 2018, p. 95).

Enquanto as famílias se empolgavam quanto à eficácia do Oralismo, já que a meta era ouvir os filhos falarem, os filhos Surdos se sentiam sufocados pela obrigatoriedade de mergulhar nessa metodologia de ensino que mais se preocupava com o sucesso de sua fala oral do que com o seu desenvolvimento intelectual e emocional.

A metodologia oralista durou por muito tempo e, ainda hoje, se percebe vestígios dela, principalmente no âmbito das famílias que não aceitam o filho Surdo e desejam o desenvolvimento oral do mesmo. Nesse contexto, “[...] as crianças crescem assim isoladas e dependentes das situações de comunicação. Quando chegam à puberdade, os adolescentes Surdos tendem a afastar-se das famílias, por não se sentirem confortáveis com o ambiente linguístico que têm em casa” (BOTELHO *apud* MORGADO, 2011, p. 33).

Já em outras famílias, a busca pela educação efetiva do filho Surdo se torna um caminho complexo, mas, o mais impactante é quando a família reconhece a importância da Língua de Sinais na vida do Surdo e busca oferecer essa oportunidade a ele, isso pode ser percebido a partir da fala de uma mãe:

Entrei em contato com a escola por telefone e em uma manhã, eu e a Julie, fomos conhecê-la. Nosso primeiro contato com o mundo dos surdos, com a Libras, com a identidade surda. Um misto de alegria e dor tomava conta de mim. Alegria de ver minha filha sentindo-se pertencente a um grupo, pois sempre me questionou não conhecer nenhum surdo da sua idade, era a única no mundo (na visão dela), dor por ter conhecido esse lugar tão tarde, minha filha já estava com 17 anos (ESPINDOLA; ZIESMANN e BATISTA, 2018, p. 63).

O encontro com os pares Surdos é muito importante, visto que a língua, a vivência, as descobertas passam a fazer sentido e tudo flui naturalmente. Bem diferente daquele espaço ouvinte, onde o acesso às informações é mínimo e quase que imploradas, onde para saber de

⁸“Tem por objetivo declarado integrar o surdo à comunidade geral, ensinando a ele a língua oral de seu país” (GOLDFELD, 2002, p. 89).

algo era necessário perguntar, estar sempre a perguntar e várias vezes nem ser compreendidos, pois não havia uma língua em comum que pudesse facilitar a compreensão tanto da pergunta quanto da resposta. No entanto, a descoberta desse novo espaço possibilita a abertura de novos horizontes, novas metas e novos aprendizados, que serão levados para a vida toda, tanto pessoal como em sociedade.

É possível imaginar os caminhos difíceis que as famílias de Surdos trilharam em busca do melhor, de uma educação verdadeira e de qualidade. Até então o que vimos foi uma educação voltada para as potencialidades orais dos Surdos e não, necessariamente, o seu desenvolvimento cognitivo.

A preocupação com a fala oral sobressai ao aprendizado de conteúdos curriculares escolares, ficando, o Surdo, prejudicado principalmente por não poder usar a sua língua de direito que é a Língua Brasileira de Sinais (Libras), a língua que possibilitará a aquisição de conhecimentos de forma natural e gradual, de palavras simples a conceitos profundos e abstratos.

Foi na universidade que aprendi a importância das palavras, mas antes disso, a importância dos seus significados. Entendi que minha filha decodificava as letras, mas não conhecia o sentido de algumas palavras, seu significado e significante, não contemplavam a mesma linha, não tinha sentido completo. (ESPINDOLA; ZIESMANN e BATISTA, 2018, p. 64).

O caminho da vida escolar e social do Surdo acontece de forma complexa, quando se entende que coisas bem simples e corriqueiras são despercebidas por ele, simplesmente pelo fato de não ouvir. As chances de contornar as dificuldades são maiores quando se tem noção de onde iniciar os trabalhos de formação com esse Surdo, uma formação identitária e de sujeito ativo.

Diante do exposto, tem-se a Literatura Surda, na versão performática, ou seja, em Língua de Sinais, como instrumento de formação humana, justamente pelo fato de muitos Surdos não serem alfabetizados na Língua Portuguesa e não saberem ler, também pela ausência de conhecimentos sobre sua cultura e identidade Surdas. Transmitir a Literatura Surda ao Surdo significa levar a história do povo Surdo a ele mesmo, é tornar possível o sentimento de pertença à comunidade de pares Surdos e, assim, formar o sujeito com as especificidades necessárias ao ser humano, tornando-o um sujeito que reconhece a sua subjetividade, que é definida por meio do pertencimento à comunidade Surda.

De forma dita “natural”, o acesso da criança à literatura deve iniciar no seio familiar, isso acontece com a maioria das famílias cujos membros são todos ouvintes, porém ao partir para o contexto de família ouvinte com filho Surdo o acesso da criança à literatura é quase que inexistente, visto que a maioria das famílias ouvintes não se comunica de forma plena e satisfatória com seu filho Surdo, sendo incapaz de manter uma leitura literária eficiente e prazerosa, capaz de instigar a criança Surda a ter amor pelo universo literário.

Apesar de toda dificuldade da família ouvinte sobre o filho Surdo, esse cenário pode mudar, mesmo a família não sabendo Libras, ela pode incentivar o filho Surdo a buscar informações, facilitar o acesso à Literatura Surda oferecendo livros e DVD's com histórias em Libras, possibilitar o encontro Surdo-Surdo, promover e instigar esses momentos com a criança possibilitará o desenvolvimento cognitivo e identitário dela.

Assim, a Literatura Surda torna-se uma possibilidade, um caminho a ser trilhado para propiciar a aproximação entre família e filho, culminando na formação subjetiva desse sujeito Surdo.

1.3 - Literatura Surda Brasileira e Lusitana: considerações

Vários são os estudos desenvolvidos sobre a Literatura Surda no contexto mundial, dessa forma, o presente subcapítulo propõe-se estabelecer uma reflexão a respeito da Literatura Surda Brasileira e a Literatura Gestual Portuguesa, cabe ressaltar que ambas tiveram origem a partir da Língua Gestual Francesa.

Sabe-se que, historicamente, a França foi considerada um marco bastante importante, por ter assistido à emergência da primeira língua gestual do mundo, a Língua Gestual Francesa (LSF), a partir da primeira escola pública para surdos e do primeiro movimento associativo de surdos. Por esse motivo, é possível acreditar que a origem da Literatura da Língua Gestual está sediada em França, pois, se a literatura nasceu nos internatos de surdos onde todos se reuniam para contarem histórias, então França pode gabar-se de ter sido a primeira residência para surdos (MORGADO, 2011, p. 41).

Nesse sentido, evidencia-se a importância dos movimentos de surdos na França, que deram origem a Língua Gestual, o que possibilitou aos Surdos, não somente uma modalidade de comunicação, mas, sobretudo, as especificidades que decorrem dessa comunicação, ou seja, expressar, perceber o mundo, formar-se como ser humano.

1.3.1 - Literatura Gestual Portuguesa⁹

Diferentemente da Literatura Surda Brasileira, a literatura produzida pelas comunidades Surdas portuguesas são denominadas de Literatura Gestual Portuguesa, tendo em vista a sua relação com a língua dessa comunidade, que é Língua Gestual Portuguesa.

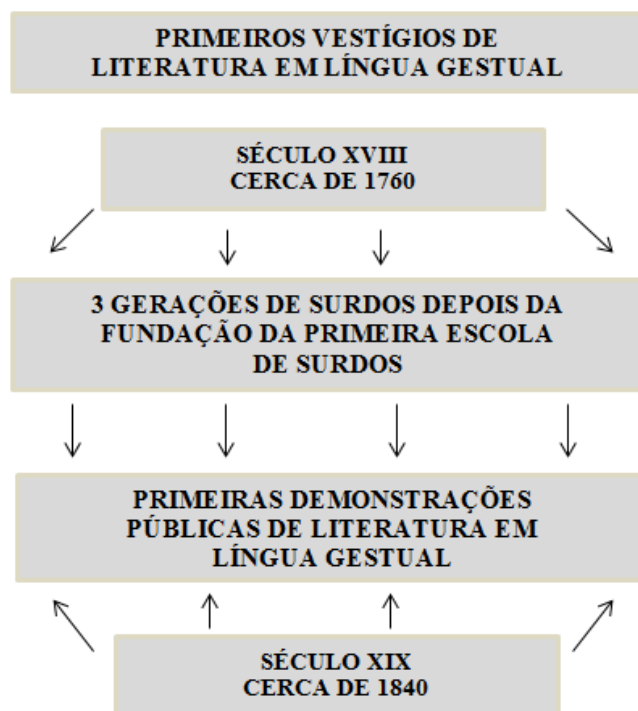
A história das línguas de canal visuo-gestual encontra-se atrelada ao contexto social, dentre os fatos mais marcantes, destaca-se a proibição do uso das Línguas Sinais pelos Surdos, que foi um retrocesso no processo de desenvolvimento desse povo. Tal proibição foi resultante do Congresso de Milão, em 1880, quando na oportunidade foi discutido sobre o processo de ensino dos Surdos e a maioria das pessoas que ali estavam defendiam o oralismo, ou seja, a comunicação por meio da língua oral, o que influenciou, não só o atraso no processo de ensino e aprendizagem dos Surdos, como também barreiras no desenvolvimento cultural dessas pessoas.

Dessa forma a Literatura Surda, no contexto mundial, começa a aparecer a partir de espaços onde os Surdos podem reunir-se e utilizar a sua língua, assim, “[...] o registro da Literatura da Língua Gestual Portuguesa (LGP) é muito recente, mas acredita-se que ela exista desde o nascimento da LGP, aquando da fundação da primeira escola de surdos em Portugal, em 1823, na casa Pia de Lisboa” (MORGADO, 2011, p. 27).

Para contextualizar, historicamente, a Literatura em Língua Gestual Portuguesa, Marta Morgado, em sua obra *Literatura das línguas gestuais*, publicada em 2011, apresenta o esquema representativo do surgimento da Literatura em Língua Gestual, conforme imagem a seguir.

⁹“A literatura tem por herança uma determinada cultura, comunidade e língua. Cabe ao adulto surdo, cuja primeira língua é a língua gestual, ter uma identidade surda para ser um modelo enquanto contador de histórias estruturadas para as crianças surdas” (MORGADO, 2011, p. 18-19). Assim, em Portugal, a Língua de Sinais denomina-se Língua Gestual Portuguesa e a literatura da comunidade surda é denominada de Literatura Gestual Portuguesa.

Figura 4- Primeiros vestígios de Literatura em Língua Gestual



Fonte: Morgado (2011, p. 30).

Para a autora Marta Morgado, a Literatura Gestual Portuguesa (LGP) é constituída por materiais em Língua Gestual, mesmo quando o conteúdo não se relaciona com os Surdos, ou quando não é produzida em Língua Gestual, mas a temática é sobre Surdos ou sobre a própria Língua Gestual.

Assim, a LGP tem como principal função trazer à tona as especificidades culturais dos Surdos portugueses, que tem como consequência a valorização e o fortalecimento da história e da cultura dos Surdos.

Nessa perspectiva, a autora em questão evidencia a existência de quatro tipos de Literatura Infantil das Línguas Gestuais:

- Histórias em livros, sem ser sobre surdos, traduzidas para língua gestual;
- Histórias em livros, sobre surdos, traduzidas ou não para a língua gestual (Literatura Surda em língua gestual ou não);
- Histórias em língua gestual, sem ser sobre surdos;
- Histórias em língua gestual sobre surdos (Literatura Surda em língua gestual) (MORGADO, 2011. p. 36).

Aproximando os tipos de Literatura Surda Portuguesa aos tipos de Literatura Surda Brasileira, podemos perceber que ambas manifestam-se por meio da Língua de Sinais/Gestual e a língua oficial do país na modalidade escrita, e sob o formato de criação e tradução

possibilita o registro de fatos e acontecimentos relacionados aos Surdos e seu contexto histórico e cultural.

Ainda segundo Morgado, “[...] a maioria da Literatura Infantil para Surdos, em Portugal, consiste em traduções” (MORGADO, 2011, p. 37), as quais se destacam em coleções produzidas pelo Ministério da Educação, como: *A ovelha e a nuvem*, *O João e o Arco-Íris*, *O capuchinho vermelho* e *O rato e a lua*. Pela editora de Cerci de Cascais em parceria com o Ministério da Educação, foram publicados: *O segredo do sol e da lua* (Graça Breia e Manuela Micaelo), *Gato Gatão* (Graça Breia) e *Dom Leão e Dona Catuta*.

Já a editora Cuchoo, vinculada à associação de Surdos do Porto lançou *As aventuras do gorila Zé Reguila* e *Chimpanzé Barnabé*, cabe ressaltar que os enredos das obras citadas não evidenciam a história dos Surdos, mas são traduzidas por docentes Surdos.

E, por fim, existem as histórias que tratam sobre os Surdos, como por exemplo, *Mamadu: o herói surdo* e *Sou Asas*, ambos da autora Marta Morgado, essas obras foram publicadas pela livraria/editora “Surd’Universo”, que tem como especialidade a produção de materiais de Surdos e para Surdos.

É importante ressaltar que as obras *Mamadu: o herói surdo* e *Sou Asas*, além da obra impressa, contam com um DVD, que trazem o enredo contado em Língua Gestual Portuguesa. Contudo, se comparado a outros países, como Estados Unidos, França, Inglaterra, Brasil ou Espanha, são poucas as publicações em LGP.

Tendo em vista essas iniciativas literárias vindas da comunidade Surda Portuguesa, merece destacar Marta Morgado, já citada nesse trabalho, que

[...] é uma autora renomada da Literatura Surda infantil tornando-se, em Portugal, referência no estudo e na promoção da Literatura Surda. Em sua produção bibliográfica, existem outros livros na língua gestual portuguesa, mas Morgado é uma autora surda que se destaca em seu país por ser ilustradora, escritora e autora de suas próprias histórias para o referido público alvo (MELO e MEDEIROS, 2016, p. 4).

Diante da sua relevância no contexto literário português, devido às suas produções que trazem à tona a Cultura Surda e suas especificidades, Marta Morgado serve de referência para muitos estudos e pesquisas relacionados à Literatura Gestual Portuguesa. Vale ressaltar que a presente dissertação tem seu *corpus* de análise constituído pela obra *Mamadu: o herói surdo*, publicado por essa autora em 2007, no que tange às representações da Literatura Gestual em Portugal.

A obra em questão aborda várias temáticas relevantes, dentre elas a fundação da associação de Surdos pelos amigos do personagem, local que tem como objetivo propiciar a interação entre Surdos. Nesse sentido, faz-se importante elucidar a Associação de Surdos do Porto, em Portugal, fundada em 1995, que tem como um dos seus objetivos “[...] defender, preservar, valorizar, difundir e informar acerca da língua, da cultura e da identidade da comunidade Surda Portuguesa” (PORTUGAL, 2017, p. 3). Dessa forma, por meio de publicações de obras e demais manifestações culturais, a associação em questão dissemina as escritas de memórias inerentes à Comunidade Surda, bem como a Literatura Gestual Portuguesa.

1.3.2 - Literatura Surda Brasileira

A partir da história dos Surdos, é sabido que muitas histórias do povo Surdo brasileiro se perderam por falta de registros, em uma época em que a Língua de Sinais nem sequer passava pelo imaginário do reconhecimento e, ainda, a visibilidade da pessoa Surda era pouco ou nada notória. Por causa disso, muitos acontecimentos e histórias perpassaram os tempos apenas por meio da sinalização, sem um registro permanente, “[...] não é possível percorrer séculos, localizar e apresentar textos escritos ou vídeos produzidos por Surdos de 1500 ou de séculos passados, pois não temos documentação e vídeos são uma invenção recente de apenas algumas décadas” (KARNOPP, 2008, p. 2).

Esse período passado não contribuiu para os devidos registros por falta de suportes tecnológicos que pudessem perpetuar as narrativas sinalizadas. Os contos, histórias e outros foram repassados de geração em geração, mas de forma abstrata aos olhos, abstrato porque a Língua de Sinais não tinha reconhecimento de língua e também por ser, naquela época, uma língua ágrafa, assim muitas informações se perderam no esquecimento “[...] ela se manifesta nas histórias contadas em sinais, mas o registro de histórias contadas no passado permanece na memória de algumas pessoas ou foram esquecidas” (KARNOPP, 2008, p. 2).

Apesar da falta de documentos, os estudos e discussões acerca da Literatura Surda no Brasil iniciaram-se com publicações, artigos e apostilas da autora Lodenir Karnopp, na perspectiva de Carvalho: “Karnopp é a referência teórica fundamental em torno do tema da ‘Literatura Surda’, no Brasil, é uma de suas mais significativas militantes” (CARVALHO, 2019, p. 31). Diante disso, Karnopp abriu portas para que os conhecimentos relativos à

Literatura Surda pudessem avançar, principalmente, em meio acadêmico, já que a apostila criada sobre a temática era específica para ser lecionada no novo curso de Letras Libras. Curso este que foi ofertado partindo do Decreto 5.626 de 2005 que tornava-o reconhecido pelo Ministério da Educação e necessário para a formação de professores de Libras, conforme especificações:

Art. 4º A formação de docentes para o ensino de Libras nas séries finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior deve ser realizada em nível superior, em curso de graduação de licenciatura plena em Letras: Libras ou em Letras: Libras/Língua Portuguesa como segunda língua (BRASIL, 2005).

A temática Literatura Surda emergiu primeiramente no campo acadêmico, sendo difundida a partir daí para as comunidades de Surdos onde encontrou e motivou novos pesquisadores a buscarem maiores conhecimentos acerca dela, abrindo caminhos para várias discussões a respeito do tema.

Ao tratar da Literatura Surda, vale mencionar sobre a Cultura Surda a qual não se define em um único espaço ou tempo, mas que se apresenta de acordo com o contexto vivido de um povo e não se limita apenas às tradições artísticas:

[...] as várias suposições limitadas em compreender a cultura resultam de um conjunto corriqueiro para referir unicamente às manifestações artísticas. Ou é identificada como os meios de comunicação de massa ou, então, cultura diz respeito às festas e cerimônias tradicionais, às lendas e crenças de um povo, seu modo de se vestir, sua comida e a sua língua (STROBEL, 2008, p. 15).

A Cultura Surda não se prende a apenas fatos artísticos, mas carrega consigo, principalmente, os aspectos linguísticos do povo Surdo, a experiência visual e as estratégias de resistência em um mundo de maioria ouvinte.

Nesse sentido, a autora Karin Strobel em sua obra *As imagens o outro sobre a Cultura Surda*, publicado em 2008, apresenta uma definição que se mostra bem coerente a respeito da Cultura Surda, segundo ela a

[...] cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as idéias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo (STROBEL, 2008, p. 24).

Nota-se que ao tratar da contribuição da Cultura Surda para a definição das identidades Surdas e das “almas” das comunidades Surdas, abre espaço para reflexões acerca da definição identitária, tanto individual como coletiva do povo Surdo, e essas reflexões geralmente tem relação com a Literatura Surda a qual transmite os conhecimentos e valores do povo Surdo.

Difícil falar de Literatura Surda sem mencionar a Cultura Surda, pois, segundo Strobel (2008), a Literatura Surda faz parte dos artefatos culturais Surdos, um contribui para a evolução do outro.

Ainda sobre a Cultura Surda, a autora apresenta oito artefatos que a compõe. O primeiro artefato diz respeito à experiência visual, o indivíduo Surdo se orienta através da percepção visual, tudo a sua volta é apreendido e internalizado de forma visual.

Os sujeitos surdos, com a sua ausência de audição e do som, percebem o mundo através de seus olhos e de tudo o que ocorre ao redor deles: desde os latidos de um cachorro -que são demonstrados por meio dos movimentos de sua boca e da expressão corpóreo-facial bruta -até de uma bomba estourando, que é óbvia aos olhos de um sujeito surdo pelas alterações ocorridas no ambiente, como os objetos que caem abruptamente e a fumaça que surge (STROBEL, 2008, p. 39).

O segundo artefato traz o aspecto linguístico, ou seja, a Língua de Sinais pela qual o Surdo se expressa e se apropria de conhecimentos de mundo, além de, também, ser uma marca identitária do povo Surdo.

A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, e que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal (STROBEL, 2008, p. 44).

O terceiro artefato é o familiar, que traz em si os componentes familiares de Surdos, além de vivências compartilhadas, ou seja, quando a família possui seus membros todos Surdos ali prospera a evolução de uma identidade e cultura, sem barreiras ou conflitos. Já em famílias de maioria ouvintes, a desinformação e incompreensão é constante, pois o modo de vida que tentam levar não proporciona conforto ao membro Surdo, mas caminha para um tipo de colonização em que esse membro se vê obrigado a viver conforme as regras dos ouvintes.

Após o artefato familiar, segue o artefato cultural Literatura Surda, este traz algumas obras escritas por Surdos ou sobre Surdos, são histórias, piadas, contos, fábulas que expressam as vivências históricas do povo Surdo, esse artefato compõe o corpus de análise dessa dissertação.

O próximo artefato diz respeito à vida social e esportiva do Surdo, aqui são apresentadas formas de vivência coletiva Surda, seja em eventos culturais ou esportivos. Os surdos participam de eventos coletivamente organizados por associações de Surdos, dentre outros. Também são apresentadas estratégias de sobrevivência numa sociedade de maioria ouvinte, onde o não ouvir gera barreiras comunicativas.

O sexto artefato traz o que se chama de Artes Visuais, que trata da criatividade artística do povo Surdo. Uns pintam, outros se tornam atores, dançarinos, mágicos, contadores de histórias, dentre outros, e em tudo levam a Língua de Sinais como marca visual e identitária.

No sétimo artefato cultural é apresentada a política que engloba vários movimentos Surdos em prol de seus direitos, sejam eles educacionais, trabalhistas, por saúde ou lazer e, principalmente, por acessibilidade. As instituições representativas do povo Surdo se manifestam em Associações de Surdos, Federação Nacional de Educação de Surdos (FENEIS), Federação Mundial dos Surdos (WDF) e, também, a Confederação Brasileira Desportiva dos Surdos (CBDS), essas instituições se organizam e fazem valer os seus direitos, além de difundir uma cultura ameaçada de apagamento.

Por fim, no oitavo artefato cultural é apresentado o artefato materiais que diz respeito às tecnologias que favorecem a acessibilidade do povo Surdo, como exemplo o telefone TDD (*Telephone Device for the Deaf*), campanhas luminosas, legendas *closed-caption*, despertadores vibratórios e vários outros.

Hoje, os recursos tecnológicos estão contribuindo muito para a acessibilidade do Surdo de forma bem positiva, por exemplo, há aplicativos como o VLIBRAS que facilitam a comunicação dos Surdos com qualquer pessoa ouvinte, seja para solicitar um serviço ou simplesmente conversar com familiares e/ou amigos.

A Língua de Sinais tem se disseminado por vários espaços, o reconhecimento do profissional Tradutor e Intérprete de Libras está sendo cada vez mais nítido, desde a área educacional, como também em eventos culturais e científicos, religioso entre outros.

Todos esses artefatos culturais citados por Strobel (2008) tem parte importante na constituição do indivíduo Surdo, pois cada um atua de forma específica na constituição do

sujeito no âmbito individual e coletivo. Nesse aspecto, a Literatura Surda se destaca de forma relevante, pois auxilia no processo de subjetivação do indivíduo, assim,

[...] a Literatura Surda refere-se às várias experiências pessoais do povo surdo que, muitas vezes, expõem as dificuldades e/ou vitórias das opressões ouvintes, de como se saem em diversas situações inesperadas, testemunhando as ações de grandes líderes e militantes surdos, e sobre a valorização de suas identidades surdas (STROBEL, 2008, p. 56).

Essa definição de Literatura Surda evidencia, de certa forma, uma resistência, tanto individual como coletiva, pois ao fazer uso da literatura para expressar os anseios, angústias e até mesmo as vitórias conquistadas sobre as opressões dos ouvintes, o indivíduo Surdo está se abrindo a uma sociedade para mostrar as suas próprias experiências vividas, tanto individual como coletivamente. É nesse mostrar-se que a Literatura Surda se amplia dentro da comunidade Surda como fora dela, e quem saboreia essas experiências tem sempre algo novo a apropriar, tanto para si mesmo como para vivência coletiva.

Isso torna mais claro o papel que a Literatura Surda possui sobre o indivíduo Surdo, visto que o desenvolvimento da subjetividade vem de fora para dentro como se fosse um reflexo daquilo que se tem contato.

Estudos relacionados à Literatura Surda Brasileira apontam a existência de três tipos de produções: tradução, adaptação e criação. A tradução consiste em passar a história da Língua Portuguesa para a Língua de Sinais, com isso “Tais materiais contribuem para o conhecimento e divulgação do acervo literário de diferentes tempos e espaços, já que são traduzidos para a língua utilizada pela comunidade Surda” (MOURÃO, 2012, p. 3), como exemplos podemos citar: *Alice no país das maravilhas* (2002), *Iracema* (2002) e *O Alienista* (2004), publicadas pela Editora Arara Azul.

A adaptação diz respeito à modificação do enredo de histórias já conhecidas, inserindo nessas histórias aspectos da Cultura Surda, de acordo com Mourão:

[...] em todos esses livros, os personagens principais são surdos e o enredo da história tem transformações para se adaptar à cultura surda. Os autores desses livros, conhecendo os clássicos da literatura mundial e seu valor, realizam adaptação para cultura surda, de forma que o discurso traga representações sobre os surdos (MOURÃO, 2012, p. 4).

Como exemplos dessa modalidade de produção, destacam-se os livros: *Cinderela Surda*, *Rapunzel Surda* (2003), *Patinho Surdo e Adão e Eva* (2005). E, por fim, a criação, que caracteriza os textos inéditos relacionados à história e a cultura da Comunidade Surda. Assim:

[...] como exemplo de material pouco encontrado aqui no Brasil, temos o livro *Tibi e Joca* (Bisol, 2001), o qual conta a história de vida de um surdo, que corresponde a uma realidade na comunidade surda. Um outro livro, *Casal Feliz* (2010), é criação de uma história contada e ilustrada por um mesmo surdo, autor Cleber Couto, que fala sobre encontros entre a mão vermelha e mão azul (MOURÃO, 2012, p. 4).

Diante disso, a Literatura Surda produzida no Brasil pode ser encontrada tanto na Língua de Sinais, a primeira língua do Surdo, quanto na Língua Portuguesa, a segunda língua do Surdo. Assim, essas manifestações, que estruturam o contexto literário da Comunidade Surda, desenvolvem um papel muito relevante no desenvolvimento da subjetividade desses sujeitos.

CAPÍTULO 2 - FAMÍLIA: PERSPECTIVAS NA LITERATURA SURDA

O presente capítulo traz uma abordagem sobre a família e sua relação com o Surdo em obras literárias da Literatura Surda, retratando vivências que são compartilhadas por Surdos em diferentes espaços sociais e geográficos. As experiências vividas e sentidas de forma semelhante por Surdos espalhados pelo mundo demonstram, dentre outros aspectos, que a relação família e Surdo faz parte da Cultura Surda, como mencionado por Karin Strobel (2008) ao retratar o Artefato Cultural familiar. Assim, propõe-se uma reflexão acerca de elementos que permeiam a relação entre Surdo e família ouvinte, tendo como foco a representação da família na Literatura Surda Portuguesa e Brasileira.

Retomando um pouco da história dos Surdos, no período do Congresso de Milão, em 1880, a família nem sempre reconheceu a Cultura Surda e a Língua de Sinais, conforme Romana Castro Zambrano e Cleide Emília Faye Pedrosa, organizadoras da obra *Comunidades Surdas na América Latina: Língua – Cultura – Educação – Identidade*, publicada em 2017. Conforme as autoras, os Surdos “[...] foram proibidos de usar a língua de sinais e as famílias consideravam que a comunicação deveria ser feita pela leitura labial e vocalização, mesmo que imperfeita” (OLIVEIRA *apud* ZAMBRANO e PEDROSA, 2017, p. 158), o que trouxe retrocesso e dificuldades para os Surdos no contexto familiar e social, por não conseguirem comunicar com sua língua materna, a Língua de Sinais.

Ao falar sobre a história da comunidade Surda, as autoras Zambrano e Pedrosa apresentam em sua obra a história da família Segala, onde três gerações se desenvolvem em uma relação muito próxima com a Associação de Surdos na cidade de São Paulo, no Brasil. Os relatos apresentam a relação entre a família Segala e a Comunidade Surda. A seguir alguns fragmentos:

O primeiro relato, de Zenilda R. Segala, 75 anos, surda, mãe de Sueli e Rimar R. Segala, se imbrica na história da ASSP. É a experiência de uma vida que auxilia a reflexão de como a diversidade multicultural marcada pelo tempo, uso da língua e cultura, contribui com a história da comunidade surda da cidade de São Paulo (ZAMBRANO e PEDROSA, 2017, p. 159).

Nesse sentido o segundo relato: de Sueli Ramalho Segala, 53 anos, surda, professora universitária, contribui para a percepção de como o contato com comunidades diferentes faz com que essa diversidade linguística, fortaleça a cultura e a própria comunidade (ZAMBRANO e PEDROSA, 2017, p. 160).

Assim, nesse contexto, a família Segala apresenta um modelo de vida embasado no uso da Língua de Sinais e a inserção na Comunidade Surda para o reconhecimento da Cultura Surda, onde os artefatos culturais do povo Surdo são responsáveis pelo desenvolvimento deste sujeito, uma vez que favorece a autonomia em suas ações e em sua vida.

Outro exemplo da importância do papel da família, no processo de desenvolvimento do Surdo, pode ser encontrado na obra *Famílias sem Libras: Até quando?*, publicada em 2008, sob a organização de Cleusa Inês Ziesmann, Gladis Perlin, Shirley Vilhalva e Sonize Lepke, na qual a autora e pesquisadora Gladis Perlin no capítulo intitulado “Minha História de Vida”, apresenta sua história e a importância da Língua de Sinais. Nas palavras da autora: “Meus pais se preocuparam muito com o fato de eu ter ficado surda. [...] Minha mãe batalhou para me reintroduzir na escola” (2018, p. 155), “Ao completar 18 anos, pedi permissão aos meus pais para residir em uma escola de surdos” (PERLIN, 2018, p. 160), é evidente o vínculo entre a autora e sua família, assim ela afirma:

[...] entendo a responsabilidade das famílias junto aos filhos surdos e a necessidade de os acompanharem, desde cedo, na transição ao mundo surdo. Ser surdo não é um preconceito, mas uma diferença da qual a família deve se inteirar. Não é um mundo inferior, tampouco se compara com o mundo ouvinte (PERLIN, 2018, p. 168).

Assim, Gladis Perlin, a primeira Surda a doutorar-se no Brasil, faz uso da literatura para evidenciar a relevância da presença da família na sua vida, a relação que manteve com sua família em todas as fases da sua vida, tendo como foco o período que perdeu a audição e o processo posterior, no qual ela, com o apoio da família, descobriu o mundo dos Surdos, ou seja, descobriu a si mesma.

2.1- A representação da família na Literatura Gestual Portuguesa

Na contramão da historiografia literária dos ouvintes, onde as produções literárias de Portugal, de certo modo, exerciam influência entre as colônias que vieram durar até 1975, a Literatura Gestual Portuguesa começou a ganhar espaço a partir do reconhecimento da Língua Gestual Portuguesa, por meio da Constituição da República Portuguesa de 1976, na qual em seu no Artigo 74, que trata sobre ensino, estabelece na linha h a necessidade de “[...] proteger e valorizar a língua gestual portuguesa, enquanto expressão cultural e instrumento de acesso à

educação e da igualdade de oportunidades” (PORTUGAL, 2005), com esse reconhecimento, Surdos e ouvintes da comunidade Surda em Portugal começaram a produzir literatura com o objetivo de mostrar à sociedade a sua língua, sua cultura, sua história e sua forma de vida.

Dentre os autores da Literatura Gestual Portuguesa, merece destaque a autora Surda Marta Morgado, que, além de ter publicado livros infantis e ser co-autora do dicionário escolar de Língua Gestual Guineense, atua na formação de professores de Língua Gestual Portuguesa, é Mestre em Educação de Surdos e LGP, professora e pesquisadora na área de aquisição de LGP.

Dos diversos gêneros que compõem a Literatura Gestual Portuguesa, tem-se a poesia que abre espaço para que as pessoas comecem a refletir sobre o ser humano e suas diferenças, como afirma Marta Morgado, isso ocorre, por exemplo, no

[...] caso de um poema da autoria de Pedro Ribeiro, intitulado *A Semente da Vida*. Este poema discute duas realidades que se vão desenvolvendo e interagindo ao longo do poema e cujo ponto de ligação é o “eu poético”. *Semente da Vida* é um poema “recitado” na 1ª pessoa, onde o “eu poético” se assume como um sujeito que vai para a escola, onde o elemento da cadeira de rodas oferece ao leitor uma perspectiva angular. O “eu poético” é um sujeito que mostra experiência na própria história, ou seja, é ele o agente, é quem conduz o tecido poético (MARTINS, 2016, p. 61).

Assim, a Literatura Gestual passa a mostrar a realidade dos Surdos, sua realidade, sua forma de ver o mundo, o que gera não somente a autorreflexão, mas também a autorrepresentação do ser Surdo e sua história.

Para pensar a relação do Surdo com sua família a dedicatória na obra *Mamadu: o herói surdo*, publicada em 2007, por Marta Morgado, mostra a realidade difícil que os Surdos enfrentam quando precisam sair da família para procurar compreensão em outro lugar, na escola.

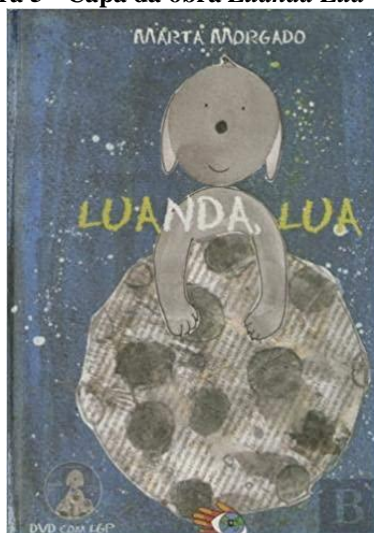
Dedico
 Ao Abu, ao Amílcar,
 à Benvinda, à Belcineide,
 aos irmãos Benge,
 ao Gonçalo, ao Gracelindo,
 aos irmãos Helder e Nelson,
 ao Hermano, ao Irosomy,
 à Iruénia, ao Jeová, ao Jerônimo,
 ao Jonas, ao Venâncio...
 ... e a tantos, tantos outros
 meninos que tiveram de trocar
 a família pela escola (MORGADO, 2007, p. 3).

A autora Surda Marta Morgado, ao escrever a obra *Luanda Lua* (2012), mostra uma família atual composta por duas mulheres, uma Surda e outra ouvinte, que desejam construir uma família multicultural, através da interação entre Surdos e ouvintes. Além das interações construídas nesse contexto familiar, há também um grande carinho e atenção para com os animais.

[...] quando duas mulheres que se amam muito, uma surda e outra ouvinte, resolvem formar uma família e começam pela adoção de uma cadela recém-nascida. Posteriormente, resolvem aumentar a família e buscam engravidar através de inseminação artificial fora do seu país, mais precisamente em Barcelona, devido a proibição dessa técnica em Portugal. Esse desejo veio a se concretizar com a gravidez de Mariana e o nascimento do seu filho Matias, ambos ouvintes. Não satisfeitas apenas com quatro membros na família, Marta engravida um ano depois e dá à luz a um filho surdo (MELO; MEDEIROS, 2016, p. 5).

A família apresentada na história é uma referência das diversas possibilidades de estruturas familiares, além de mostrar o lado humano dos personagens, apresenta, também, que Surdos e ouvintes podem conviver harmoniosamente em um lar, e que o respeito à diferença e o uso da Língua de Sinais faz com que o Surdo se desenvolva como ser autônomo e reflexivo.

Figura 5 - Capa da obra *Luanda Lua* (2012)



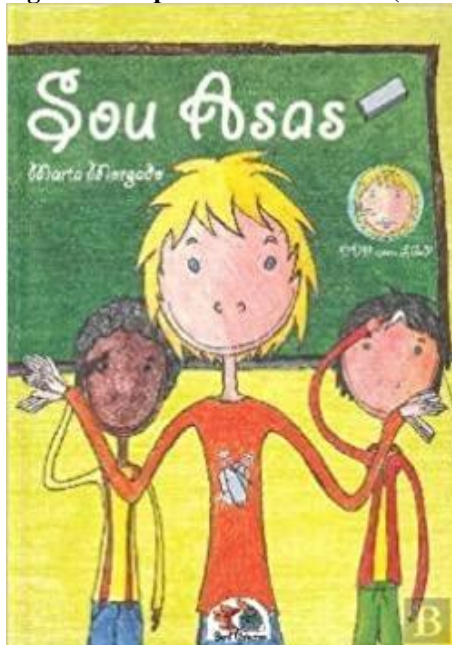
Fonte: Morgado (2012).

Outra obra muito importante da autora Marta Morgado é *Sou Asas* (2009), que tem seu enredo construído pela história da personagem Joana, uma menina Surda, desde criança

frequentou escolas de ouvintes e, por esse motivo, não teve contato com a Língua de Sinais, não desenvolveu sua primeira língua. Contudo, quando consegue adentrar uma escola de Surdos descobre um mundo novo, um mundo visual, onde todos têm seu nome gestual e ela recebe o seu, ou seja, ela começa a viver no mundo dos Surdos, seu mundo. Esta obra mostra uma realidade diferente de *Luanda Lua*.

Em *Luanda Lua* tem a presença da Língua de Sinais e o reconhecimento cultural do povo Surdo, enquanto que em *Sou Asas* mostra a realidade da família que não oferece a Língua de Sinais para o filho Surdo, fazendo com que a criança Surda só tenha contato com sua língua e identidade na escola.

Figura 6– Capa da obra *Sou Asas* (2009)



Fonte: Morgado (2009).

Nesses exemplos citados de literatura produzida pelas comunidades Surdas, é possível identificar como a história do Surdo e suas vivências, pensando na sua infância, são semelhantes, pois ambas mostram que a maioria dos Surdos eram colocados à margem das Associações de Surdos, e com isso não tinham conhecimento da Língua de Sinais. No seio familiar também não era diferente, a maioria dos pais e responsáveis não tinha interesse pela Língua de Sinais, porque acreditava que iria prejudicar o filho Surdo a aprender a língua oral.

A realidade dos Surdos passa a ser representada na literatura, com isso as produções literárias estão em processo de ampliação, não há uma vasta produção, assim com a literatura

canônica ouvinte. Marta Morgado, uma das principais autoras da Língua Gestual Portuguesa esclarece que:

[...] já as histórias sobre surdos, infelizmente, existem muito poucas. A Surd'Universo é uma livraria/editora especializada em materiais de e para surdos, já que editou duas histórias sobre surdos, dirigidas especialmente ao público infantil, *Mamadu: o herói surdo* e *Sou Asas* escritos por Marta Morgado (MORGADO, 2011, p. 38).

No Brasil, a editora Arara Azul também tem como foco publicar materiais que tem a temática relacionada aos Surdos, à Cultura Surda, à Língua de Sinais e demais assuntos que apresentam aos leitores a história e as vivências dos Surdos.

No que tange à Literatura Gestual Portuguesa, é possível evidenciar, também, a Associação de Surdos do Porto¹⁰ como espaço que auxilia e impulsiona a o desenvolvimento da Cultura Surda e as produções literárias dessa comunidade. A associação em questão é uma instituição privada de atenção social sem fins lucrativos, com sede em Porto/Portugal, instituída em 9 de agosto de 1995, seu público alvo compreende a Comunidade Surda, famílias de pessoas Surdas e comunidade em geral, suas principais lutas efetivam-se por meio da representação e defesa da Comunidade Surda, ensino e formação profissional e apoio social à Comunidade Surda.

Supracitada associação organiza e apoia eventos sobre da Língua Gestual Portuguesa e Cultura Surda e configura-se como um importante instrumento para o fortalecimento e divulgação das produções das Comunidades Surdas de Portugal, merecendo destaque as produções artísticas e literárias. Em sua página na internet é possível participar e acompanhar eventos, além de ter acesso à publicação de produções literárias, acadêmicas, culturais produzidas pela Comunidade Surda, como, por exemplo, o poema “As Mãos – Um poema em LGP”, do surdo Ricardo Cottim e o poema “Silêncios feitos Gestos”, da autora e pesquisadora Maximina Girão, que é apresentado a seguir:

¹⁰A Associação de Surdos do Porto, de acordo com seu regimento, “[...] tem como fins a defesa e a promoção dos interesses sociais, culturais, económicos, morais e profissionais dos seus associados surdos, bem como das pessoas surdas em geral, podendo tais fins dirigirem-se também às respectivas famílias sempre que tal venha a beneficiar a pessoa surda” (PORTUGAL, 2017, p. 2). Informações sobre a ASP podem ser encontradas em <http://www.asurdosporto.org.pt/artigo.asp?idartigo=10>

Silêncios feitos Gestos

Tu
 que não falas com palavras que se oiçam
 mas baloiças
 entre o percurso do silêncio e a comunicação
 traduzida na beleza dos gestos
 que bailam graciosos
 acompanhados de expressões faciais
 Tu
 que respiras
 no halo eterno do sonho
 despertando o olhar
 nas mãos que falam todos os sentidos
 Tu
 podes cantar a vida
 com sinais de alegria
 porque o mundo acolhe
 as vozes caladas
 que se exprimem em gestos expressivos
 feitos de silêncios sentidos
 que configuram
 a paz
 a amizade
 ou o amor
 em hinos de solenes melodias
 num bailado de sensações
 de magias singulares
 nascidas em rodopio
 à procura de um compreensível sentido (GIRÃO, 2003)

Em seu poema, Maximina Girão apresenta uma das principais especificidades dos Surdos, nos primeiros sete versos o poema evidencia a comunicação que faz uso dos gestos em detrimento das palavras, gestos que, juntamente com as expressões faciais, quebram as barreiras comunicacionais, produzem sentidos que fazem com que o Surdo sinta-se pertencente ao mundo, com seus sentimentos e sensações que são construídos e expressados por meio da sua língua, a Língua Gestual. Ao final do poema, os gestos são apresentados como elementos que possibilitam a expressão do sujeito Surdo, bem como, configuram-se como formas propulsoras de sentimento “a paz / a amizade / ou o amor” (GIRÃO, 2003), ou seja, é por meio dos gestos que os Surdos se expressam e apreendem o mundo, e, de forma síncrona, passam pelo processo de humanização.

2.2- A representação da família na Literatura Surda Brasileira

A literatura tem um papel importante na vida do indivíduo, ela abre portas para a construção de representações individuais e/ou coletivas que dá origem ou instiga a subjetivação e desenvolvimento da identidade pessoal. Ela traz em si representações de aspectos da realidade, onde favorece o conhecimento socializado/compartilhado. Tendo em vista o contato com o outro em sua coletividade, possibilita o acesso à reflexão de situações vividas, experiências do dia a dia em um contexto aberto, ou seja, contexto familiar e social.

Valendo das palavras de Antonio Candido sobre as várias possibilidades que a literatura oferece: “[...] a respeito das produções literárias nas quais o autor deseja expressamente assumir posição em face dos problemas” (2004, p. 180), cabe destacar que a literatura que se tem sobre Surdo e sua família, geralmente, apresenta um conflito, muitas vezes, não resolvido, mas que tenta mostrar uma estratégia de conflito versus reflexão de acordo com as várias experiências vividas no seio familiar e social.

Essa ideia tem relação com a reflexão sobre mimese na literatura, feita pela autora especialista em estudos Cabo-verdianos e Portugueses Adelina Manuela Moreno Freire, segundo a autora,

O conceito de mimese teve a sua origem com Aristóteles, que define e dá conta da poesia; deriva de mimesis. Não se define como cópia humilde, mas como uma acção pertencente à realidade sensível, não tratando da criação do mundo novo desligado de qualquer contacto com a natureza e com a história, mas sim da faculdade natural inerente à natureza humana, ao qual o homem aprende e lhe dá prazer. Neste âmbito podemos dizer que se estabelece uma relação directa entre a coisa imitada, e o objecto que se imita onde a realidade é empiricamente acessível (FREIRE, 2010, p. 18).

Ainda sobre mimese, cabe destacar a análise feita por Auerbach acerca da representação da história na literatura, por meio da publicação da obra *Mimeses: a representação da realidade na literatura ocidental*, em 1946. Em sua reflexão, Auerbach evidencia a existência de escritas nas quais os autores entrecruzam o interior e o exterior de suas consciências, com vistas a

[...] enfatizar o acontecimento qualquer, não aproveitá-lo a serviço de um contexto planejado da ação, mas em si mesmo; e, com isto, tornou-se visível algo de totalmente novo e elementar: precisamente, a pletera de realidade e profundidade vital de qualquer instante ao qual nos entregamos sem preconceito (AUERBACH, 2013, p. 497).

Nesse sentido, as produções literárias não são desligadas do mundo real, em alguns pontos estudados por Erich Auerbach, ocorre a interrelação entre literatura e realidade. Assim, diante dessa relação entre literatura e realidade pode-se perceber que no contexto da diversidade de temas levantados pelo contexto literário, as relações familiares aparecem constantemente no enredo, como foco central ou como pano de fundo. Podemos citar como exemplo os clássicos *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos e já pensando na formação humana no olhar da infância, podemos destacar a série *O Sítio do Pica-pau Amarelo*, de Monteiro Lobato.

Para entrarmos na reflexão a respeito da Literatura Surda no Brasil, faz-se relevante trazer a perspectiva de Luiz Claudio da Costa Carvalho (2019) sobre da Literatura Surda produzida no contexto brasileiro, sobre esses textos, ele afirma:

[...] serão tais textos de “literatura brasileira”? Haverá “literatura brasileira” produzida em outra língua que não o Português? Haverá casos semelhantes ao caso da Libras, como, talvez, produções literárias de quilombolas, pomeranos, populações indígenas, grupos geográfica ou culturalmente de fronteira? (CARVALHO, 2019, p. 156).

Assim, Carvalho nos convida a uma reflexão sobre a literatura emerge num contexto fronteiriço, bem como sobre os cuidados na demarcação de territórios e conceitos. Contudo, trataremos agora algumas perspectivas a respeito da Literatura Surda, literatura essa que se encontra em constante processo de desenvolvimento. Conforme corrobora Sousa e Vilhalva (2021),

[...] o discurso do sujeito surdo tem ganhado espaço progressivamente a partir das produções literárias tradicionais, de modo particular, no do século XX, porém, tem se atualizado continuamente trazendo a esse estudo uma possibilidade de leitura sobre a produção literária surda, com suas marcações linguísticas inerentes ao povo surdo (SOUSA e VILHALVA, 2021, p. 2).

A Literatura Surda compreende obras produzidas por meio da tradução, adaptação e criação, conforme exposto. As narrativas apresentadas nessas obras mostram as especificidades culturais do povo Surdo, merecendo destaque a Língua de Sinais que embasa as relações dos Surdos com as pessoas que os cercam, assim como o seu desenvolvimento humano e social.

Tendo em vista o papel das relações familiares para o desenvolvimento do sujeito, a autora Surda Karin Stobel ao apresentar os artefatos culturais do povo Surdo, ela faz uma referência ao artefato familiar, assim,

[...] Quando nasce um bebê, os membros da família brincam, conversam e vivenciam todo o amor sentido por ele.

Quando o médico apresenta o diagnóstico da surdez, os pais ficam chocados, deprimem-se e culpam-se por terem gerado um filho dito “não normal” e ficam frustrados porque vêem nele um sonho desfeito. Então, essas famílias alimentam esperanças de “cura” dessa “deficiência”, ficam ansiosas e questionam será que o meu filho surdo um dia ouvirá? (STOBEL, 2008, p. 49-50).

Um elemento marcante que existe nas famílias de Surdos é exatamente essa relação de inconformidade, não aceitação com o diferente. O não estar preparado para receber um diferencial em seio familiar faz quebrar a “normalidade” de um grupo que fala a mesma língua, que vive e se emocionam de forma semelhante. Em *Mamadu: um herói surdo* é possível perceber o sentimento de inconformidade, uma vez que “[...] os pais queriam o melhor para o filho e procuraram ajuda, mas a ajuda na Guiné-Bissau era muito difícil, parecia que ninguém sabia o que era ser surdo” (MORGADO, 2007, p. 12), percebe-se juntamente com a dificuldade de compreender a surdez a falta de conhecimento da sociedade acerca da temática.

O aspecto familiar é apresentado em diversas obras literárias, dentre elas: *Despertar do silêncio*, da autora Surda brasileira Shirley Vilhalva, e *O grito da gaivota*, obra traduzida para diversas línguas, dentre elas a portuguesa, da autora Surda francesa Emmanuelle Laborit.

Assim, como tais obras trazem à tona as vivências de filhas Surdas no cotidiano com suas famílias, suas dificuldades e suas superações, faz-se relevante trazer a perspectiva do autor Oliver Sacks, em sua obra *Vendo Vozes: Uma viagem ao mundo dos surdos* (2010), na qual ele apresenta várias histórias de Surdos, dentre elas a vida de Charlotte e sua família, por ocasião de uma visita, ele diz:

[...] a primeira coisa que me ocorreu é que eles *eram* uma família – com muitas brincadeiras, vivacidade e perguntas, todos unidos. Nada havia do isolamento que com tanta frequência vemos nos surdos – e nada da linguagem “primitiva”[...]. A própria Charlotte era perguntadora, cheia de curiosidade, cheia de vida – uma criança adorável, imaginativa e brincalhona, vividamente orientada para o mundo e para os outros. Ela ficou desapontada porque eu não sabia me comunicar por sinais, mas logo convocou os pais como intérpretes e questionou-me minuciosamente sobre as maravilhas de Nova York (SACKS, 2010, p. 66).

Diante do exposto, cabe à família estar junto com seu filho Surdo, propiciando-lhe a sua língua, a Língua de Sinais, o que trará como consequências o desenvolvimento pessoal, social e cultural.

Assim, a literatura propicia, não somente, a apresentação de narrativas, mas procura de uma forma crítica expressar as angústias e lutas vivenciadas naquele meio familiar, naquela roda de amigos e essa estratégia carrega em si uma literatura. Isso se relaciona com a fala de Antonio Candido a respeito da literatura empenhada “[...] que parte de posições éticas, políticas, religiosas ou simplesmente humanísticas. São casos em que o autor tem convicções e deseja exprimi-las; ou parte de certa visão da realidade e a manifesta com tonalidade crítica” (2004, p. 183). Essas obras buscam de alguma forma estimular as reflexões sobre a pessoa Surda e seu modo de vida.

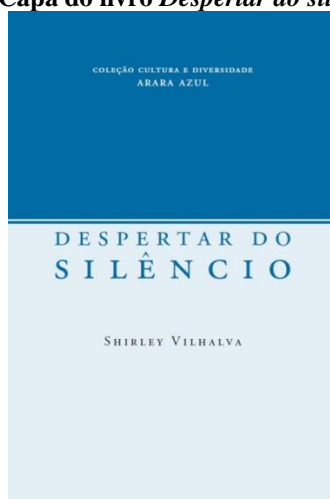
O meio literário é constituído por diversos gêneros, nos quais se pode destacar o gênero autobiográfico que para Phelippe Lejeune recebe o conceito de “[...] narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p. 14) quer dizer, o autor procura transmitir, viajando por sua memória, fatos ocorridos em sua vida ao longo dos anos.

É sabido que o ser humano esquece-se de vários fatos que já viveu, outros fatos são lembrados como se a imagem estivesse visível e outros lembrados por reflexos com perda de detalhes, mas na autobiografia procura-se transmitir fatos marcantes e que apresentam situações que faça o leitor refletir, não apenas focando o autor, mas uma reflexão ampla a qual oportuniza o próprio leitor a se espelhar nos fatos narrados.

Os autores Maria Célia Leonel e José Antonio Segatto (2013) apresentam a autobiografia como livros carregados de história de vida do próprio autor, sendo ele autor e personagem, que transmite informações vivenciadas por ele, podendo conter elementos fictícios, pois o enredo possibilita a contação de acontecimentos de uma forma dinâmica, mas não deixa de transmitir uma verdade nos fatos presentes na obra.

Assim, as obras literárias *Despertar do silêncio* e *O grito da gaivota* têm características autobiográficas, pois em seu texto tem a apresentação de uma história de vida das próprias autoras. A seguir apresentamos a capa da obra de Shirley Vilhalva.

Figura 7 - Capa do livro *Despertar do silêncio* (2004)



Fonte: Vilhalva (2004).

Shirley Vilhalva é uma autora Surda e apresenta suas memórias com sua obra, possibilitando ao leitor perceber as representações da família sob o olhar da personagem, como ela é uma autora Surda que vivencia as experiências em âmbito familiar, procura transmitir tanto os bons como os maus acontecimentos presentes numa organização maior, ou seja, presentes na cultura Surda.

Os medos e anseios que envolvem, principalmente, a ausência de uma língua compartilhada, a falta de compreensão dos familiares ouvintes e as dúvidas diárias dos Surdos sobre assuntos corriqueiros do mundo ouvinte, impulsionam o desejo do escritor Surdo de focar nos registros dessas representações como forma de incentivar a reflexão sobre um grupo de minorias que tem suas barreiras aumentadas por falta de conhecimentos por parte dos familiares ouvintes.

Aprendia sempre observando, gostava muito de ver minha mãe fazer bolo e logo liguei que aquele bolo era feito de ovo, e como estava resolvida fazer um bolo também, animada fui até o galinheiro, onde tinha um arame farpado para proteger o ninho, coloquei a mão onde estava uma galinha chocando e com suas picadas em meu braço esquerdo ao tirar enroscou no arame eu só vi um corte aberto e assim fui entender que não podia ter colocado a mão ali, em pensamento a cena retornou em minha mente e eu pensei então foi isso que a boca de minha mãe estava explicando, que eu não se deve mexer no ninho com uma galinha chocando (VILHALVA, 2004, p. 9).

Pela memória comunicativa a autora apresenta um episódio de sua vida, onde acontece um momento doloroso, que poderia ter sido evitado se sua língua fosse igualmente compartilhada, ou seja, se a mãe tivesse usado a Língua de Sinais a personagem não teria se machucado, mas aqui, a autora queria de fato transmitir a imagem que tinha guardada sobre a

constante pressão para fazer a leitura labial a qual todos os Surdos estão sujeitos a vivenciar essa pressão.

Apesar de detalhes narrados pela autora, certamente não segue exatamente a contação de todos os dias, mas sim, de acontecimentos importantes, marcantes que de fato leve a uma reflexão do ocorrido.

Diante do fato de que a memória se encontra na fronteira da lembrança e do esquecimento, far-se-á impossível a execução da escrita de tudo o que foi vivido, uma vez que essa ação será permeada por fatos e acontecimentos que por não serem lembrados totalmente ou parcialmente, poderão ser descritos ou complementados pela imaginação daquele que escreve (SANTOS, 2021, p. 55).

Nessa seara, a ideia de falar de si mesmo carrega também fatos imaginários, talvez na tentativa de buscar na memória estratégias que possam tanto ressaltar um fato ocorrido, como também, reforçar uma mensagem emocional que toque o leitor no sentido de provocar uma revolta ou compaixão como é o caso de um trecho do poema de Shirley Vilhalva:

Minha vontade de contar coisas bonitas ia
morrendo...
Meus olhos iam se apagando...
Minhas mãos iam silenciando...
E eu me sentia só, num mundo que não era meu... (VILHALVA, 2004, p. 5).

A falta de um sentimento de pertencimento no seio familiar traz uma certa angústia por parte de quem é taxado como “diferente” das demais pessoas da família, sem uma língua compartilhada não há um momento de interação e compreensão e nem mesmo uma oportunidade para que aquele diferente se abra ao outro, se expresse com o outro, ou seja, não há um espaço de fala que possibilite a socialização dos pensamentos e emoções.

Outro tipo de angústia encontramos nas palavras de Laborit, o desconhecido quando revelado ou compreendido significa evolução, aprendizado. Coisas banais aos ouvidos dos familiares ouvintes se tornam extremamente preciosas aos olhos dos Surdos, já que possibilita o acesso aos conhecimentos de mundo no qual ele vive,

Eu “sentia” a diferença quando se tratava de zanga, de tristeza ou de alegria, mas o muro invisível que me separava dos sons correspondentes àquela mímica era ao mesmo tempo de vidro transparente e de concreto. Imaginava encontrar-me dum lado desse muro e os outros, de igual modo, do outro lado. Quando eu tentava reproduzir a sua mímica como um macaquinho de imitação, continuavam a não ser palavras, mas letras visuais. Por vezes

ensinavam-me palavras de uma sílaba, ou de duas sílabas, como “papá”, “mamã”, “tatá”. Os mais simples conceitos eram ainda mais misteriosos. [...] Em seguida apercebi-me de que outras palavras designavam pessoas. Emmanuelle, era eu. Papá, era ele. Mamã, era ela. Maria, a minha irmã. Eu era Emmanuelle, existia, tinha uma definição, por conseguinte, uma existência (LABORIT, 2000, p. 8).

Ainda sobre a representação da família no contexto da Literatura Surda, podemos destacar a obra *Famílias sem Libras: até quando?* Sua estrutura é composta por relatos de autores Surdos e ouvintes, são narrativas ricas e claras construídas por memórias de pessoas que são Surdas ou que tem familiar Surdo. São exposições de experiências de vida, relatos de momentos, sejam de dificuldades ou de superações, mas todas carregam um objetivo semelhante, ou seja, um desejo de se ver, perceber e viver com igualdade e equidade. São desabafos de pessoas Surdas angustiadas por serem tratadas como inferiores, mas ao mesmo tempo narrando etapas de suas lutas e vitórias.

Já os autores ouvintes narram seus relatos de experiências e também de revoltas visto que esses ouvintes convivem de perto com as comunidades de Surdos, sendo eles pais, irmãos, tios, amigos, professores e Tradutores Intérpretes de Libras, estes vestem a camisa da luta do povo Surdo por melhorias tanto em âmbito família como social.

Assim, os relatos apresentam sinais de que há uma importância no convívio e participação familiar, para que o indivíduo Surdo possa construir uma identidade subjetiva pessoal, conforme autora Surda Carla Klein expõe:

[...] o ser humano não consegue viver só, tanto que nem sobrevive sem os cuidados da mãe, vive em um grupo familiar, agrega amigos e parceiros profissionais. O homem é social, busca o coletivo. Assim, constrói sua identidade no decorrer de sua vida de acordo com suas experiências, na construção diária de sua história (KLEIN, 2018, p. 40).

Outra obra que também apresenta a realidade do Surdo no contexto familiar é *Tibi e Joca: uma História De Dois Mundos*, da autora Cláudia Bisol, com participação especial do professor Surdo Tibiriçá Maineri. A autora em questão é ouvinte, doutora em Psicologia e professora, além de desenvolver pesquisas relacionadas à Educação Especial, Educação Inclusiva e Psicanálise. Bisol, em sua obra, apresenta com estratégias bem visuais a relação entre o filho Surdo e sua família ouvinte.

Na narrativa, os personagens Tibi e Joca mostram aos leitores a história de vida que passa todo Surdo que nasce em família de ouvinte, onde os pais descobrem a surdez do filho, procuram ajuda médica, se culpam, não sabem o que fazer, e o filho só começa a se

desenvolver quando encontra com seus pares Surdos. Mostra, também, a importância da família aceitar e utilizar a Língua de Sinais para que o Surdo não fique dividido entre dois mundos, o do Surdo e o dos ouvintes.

Sabemos que o primeiro contato social que qualquer indivíduo tem é no seio familiar, e é nesse território que inicia os primeiros sentimentos de pertencimento e de acolhimento, bem como o desenvolvimento cultural e identitário, o sujeito vai se moldando no meio em que se encontra, no contato com o outro e, assim, formando sua subjetividade.

Mas essa formação não se restringe somente ao contato físico, mas também pelas produções literárias que expressam fatos vividos, ou seja,

a literatura apresenta-se como uma área do conhecimento que traduz as mais diversificadas experiências humanas por meio da linguagem e a Literatura Surda expressa a história de vida das pessoas surdas, sendo baseadas em documentos ou testemunhos, transmitindo sua identificação, desafios do passado e de hoje (LOPES; TOLOMEI e SOUZA, 2019, p. 183).

Dessa maneira, as obras literárias brasileiras escritas, tanto por autores Surdos como por ouvintes, contribuem para o desenvolvimento da formação humana partindo do espaço familiar, visto que a família é a base pela qual a literatura entra em cena, como artefato instigante e reflexivo sobre constituição da subjetividade individual e coletiva.

CAPÍTULO 3 – MAMADU: O HERÓI SURDO (2007) E TIBE E JOCA: UMA HISTÓRIA DE DOIS MUNDOS (2001): A FORMAÇÃO HUMANA EM PERSPECTIVA

O ser humano encontra-se sempre em formação a partir das diversas relações que mantém, quer seja consigo mesmo, com o outro ou com os diversos elementos aos quais se depara no decorrer da sua vida. Nesse sentido, o presente capítulo tem como objetivo analisar as obras *Mamadu: o herói Surdo* (2007) e *Tibe e Joca: uma história de dois mundos* (2001) na perspectiva da formação humana.

Para a estruturação das análises, primeiramente, será abordada a obra da autora Surda portuguesa Marta Morgado, publicada em 2007, pela editora Surd’Universo, intitulada *Mamadu: o herói Surdo*, e, posteriormente, será analisada a obra *Tibe e Joca: uma história de dois mundos*, publicada em 2001, por Cláudia Bisol, autora brasileira ouvinte.

Para embasar as reflexões, apresentar-se-á, inicialmente, a obra da autora portuguesa Marta Morgado, com vistas a possibilitar ao leitor uma aproximação com a perspectiva da autora Surda sobre as especificidades do sujeito Surdo português. Logo, será analisada a obra da autora brasileira ouvinte Cláudia Bisol, tal ordem se deve ao fato de que, como o foco da análise é a literatura Surda, privilegiaremos a perspectiva do próprio Surdo e depois a da autora ouvinte.

Com vistas à elaboração deste capítulo, foram feitas leituras das obras que constituem o *corpus* deste trabalho que serão analisadas sob a ótica do referencial teórico construído, tendo como foco a percepção da formação humana a partir da leitura literária.

Após as análises que seguem, são apresentados os resultados alcançados por meio do desenvolvimento da pesquisa, que tem como escopo a Literatura Surda Brasileira, a Literatura Gestual Portuguesa e a formação humana do sujeito Surdo no contexto familiar, confirmando, assim, o papel da literatura para a humanização e formação do sujeito Surdo.

3.1 Mamadu: o herói Surdo

A narrativa *Mamadu: o herói Surdo*, publicada em 2007, retrata a vida de uma criança Surda que nasce e passa os primeiros anos de vida em um país que não oferece muita oportunidade de desenvolvimento para seus habitantes. Mamadu, como é chamado o

personagem, é Surdo e encontra ainda mais barreiras para seu desenvolvimento, uma vez que naquele território as pessoas não conhecem as especificidades linguísticas e culturais dos Surdos. Assim, vê-se obrigado a ir para outro país na busca por espaço onde seja reconhecida e utilizada a Língua de Sinais e, dessa forma, ter a oportunidade para desenvolver-se.

Para iniciar as reflexões acerca da narrativa *Mamadu: o herói Surdo* (2007), que tem Mamadu, um menino Surdo que cresceu e tornou-se referência para os demais Surdos de sua comunidade, como personagem principal, traremos um trecho retirado da obra *O grito da gaiivota* (2000), que em sua narrativa apresenta o processo de formação humana da atriz e escritora Surda Emmanuelle Laborit.

A gaiivota cresceu e voa com as próprias asas. Vejo como poderia ouvir. Os meus olhos são os meus ouvidos. Tanto escrevo como falo por gestos. As minhas mãos são bilíngues. Ofereço-vos a minha diferença. O meu coração não está surdo a nada neste mundo duplo. Custa-me muito deixar-vos (LABORIT, 2000, p. 148).

O trecho exposto evidencia a autonomia da narradora-personagem em relação ao mundo, por meio de gestos e da visão, Emmanuelle percebe-se como sujeito de sua história, constrói sua identidade, torna-se independente. Tal processo aproxima-se da realidade vivida pelo personagem Mamadu, uma vez que esse também desenvolve sua autonomia a partir do momento em que descobre a Língua Gestual e a visão como principais elementos para que o sujeito Surdo possa reconhecer e compreender o mundo e a si mesmo.

Ao construir a narrativa *Mamadu: o herói Surdo* (2007), Marta Morgado dá visibilidade à história das muitas pessoas Surdas que foram afastadas de suas famílias, para que pudessem ter acesso ao estudo formal, o que nos remete ao modelo educacional desenvolvido nos internatos. Por volta de 1817, nos Estados Unidos, o professor francês Laurent Clerc funda uma das primeiras instituições de ensino para Surdos pautada na Língua de Sinais, onde os Surdos de diversas regiões se instalavam para terem acesso ao ensino e a sua própria língua.

O aspecto mais significativo da vida no internato é o dormitório. Nos dormitórios, longe do controle estruturado da sala de aula, as crianças surdas são iniciadas na vida social dos surdos. No ambiente informal do dormitório, as crianças não só aprendem a língua de sinais, mas também o conteúdo da cultura. Dessa maneira, as escolas tornam-se eixos das comunidades que as cercam, preservando para a geração seguinte a cultura das gerações precedentes. [...] Esse padrão único de transmissão está no cerne da cultura (PADDEN; HUMPHRIES *apud* SACKS, 2010, p. 70).

Os internatos, conforme dito, tornaram-se espaços de extrema relevância para os Surdos, uma vez que possibilitavam aos mesmos o acesso à língua e à Cultura Surda. Contudo, os Surdos, para terem acesso aos internatos, tinham que deixar sua família e, na maioria das vezes, as famílias não tinham condições financeiras para manter o contato com seus filhos, gerando o distanciamento entre filhos e pais. Situação essa representada por meio da história de vida do personagem Mamadu.

No primeiro contato com a obra publicada por Morgado em 2007, *Mamadu: o herói Surdo*, o leitor depara-se com a capa, ilustrada pela própria autora, que já possibilita uma aproximação com a narrativa que está por vir. Na capa é apresentada a imagem de uma criança negra, com olhos bem abertos e um sorriso largo nos lábios.

Figura 8 – Capa do livro *Mamadu: o herói Surdo* (2007)



Fonte: Morgado (2007).

Já no início da obra é marcado o território onde o enredo se desenvolve, um país da África chamado Guiné-Bissau, onde há vários problemas socioeconômicos e uma grande parcela da população vive abaixo da linha da pobreza, o que possibilita o leitor refletir acerca do título da obra. Tendo em vista um enredo que apresenta um contexto territorial demarcado pelas dificuldades econômicas e sociais, Morgado ao trazer no título a palavra “herói” já oferece ao leitor pistas da narrativa construída.

Ao pensar o termo “herói”, sob a perspectiva de Marta Luzie, depreende-se que “[...] o herói era aquele que - mesmo a partir das várias possibilidades já postas, já dadas - era capaz de criar uma possibilidade nova da vida, conseguindo, desta maneira, participar da instauração

do novo na história” (LUZIE, 1999, p. 18). Nessa ótica, o personagem Mamadu, mesmo inserido em um contexto que pouco favorece o desenvolvimento social, principalmente do sujeito Surdo, torna-se protagonista da sua história e da sua comunidade.

Outro aspecto que chama atenção do leitor, na capa, são os olhos do personagem. Morgado coloca em evidência os olhos arregalados da criança, o que remete ao principal aspecto da Cultura Surda, que é a visão. Conforme aponta Strobel, “[...] o primeiro artefato da cultura surda é a experiência visual em que os sujeitos surdos percebem o mundo de maneira diferente, a qual provoca as reflexões de suas subjetividades: De onde viemos? O que somos? E para onde queremos ir? Qual é a nossa identidade?” (STROBEL, 2008, p. 38).

Mamadu era um menino Surdo que vivia com sua família e amigos na Guiné-Bissau, também era chamado de Miguel, tinha dois nomes “[...] o nome que as pessoas lhe davam, quando comunicavam em crioulo, e o nome em português, o oficial, do bilhete de identidade. Mamadu era Miguel e Miguel era Mamadu” (MORGADO, 2007, p. 7).

Assim, como os demais meninos daquele lugar, Mamadu era alegre, corria e brincava com seus pares. Com sua família não era diferente, “[...] ajudava muito a mãe, ia buscar a água, ajudava o pai a carregar os sacos de arroz” (MORGADO, 2007, p. 8), tais ações preenchiam o cotidiano de Mamadu e o aproximava da sua família. “Todos os dias, a família juntava-se ao jantar e todos comiam arroz e peixe, do mesmo prato, com as mãos bem lavadas” (MORGADO, 2007, p. 9), a vida simples que levavam fortalecia os laços familiares, cotidianamente, ao entardecer. Mamadu e seus irmãos tomavam banho no alguidar, conforme figura a seguir.

Figura 9- Mamadu tomando banho no Alguidar



Fonte: Morgado (2007, p. 11).

Para Mamadu tudo era brincadeira, ele era muito feliz naquele lugar com sua família, apesar dos pais serem pobres e a sua família não ter muitos recursos. Sabiam que Mamadu era Surdo, mas não sabiam se já havia nascido com essa condição, “[...] os pais acham que foi do paludismo que teve ainda bebê” (MORGADO, 2007, p. 12).

A doença em questão, conhecida também como malária, “[...] actua sobre o sistema nervoso central produzindo, em pequena dose, excitação com zumbidos nos ouvidos, vertigens e algumas vezes surdez e perturbações da vista” (FERNANDES, 1919, p. 50).

Na aldeia que Mamadu vivia com sua família tinham outras pessoas Surdas, dentre elas crianças e adultos, e o que essas pessoas tinham em comum era a dificuldade de acesso à escola e trabalho, tal dificuldade é explicada pela pesquisadora Surda Karin Strobel:

[...] há grande dificuldade da sociedade em entender a existência da cultura surda, porque a maioria das pessoas baseia-se num ‘universalismo’. A representação social julga a cultura dos surdos pela deles e tem a pretensão de achar que só aquilo que as pessoas ouvintes fazem é que está correto (STROBEL, 2008, p. 79).

O estabelecimento de um ‘universalismo’ pela sociedade gera como consequência o apagamento e marginalização daquele que tem características diferentes da maioria, nesse sentido, apesar da maioria dos pertencentes da aldeia compartilhar de dificuldades econômicas e sociais, Mamadu e os demais Surdos viam-se em uma situação de apagamento, ao terem seus direitos, de estudar e trabalhar, desrespeitados.

A família de Mamadu tinha consciência da situação que o filho era colocado, tendo em vista o desconhecimento acerca da surdez pelos moradores da aldeia, dessa forma decidiram procurar ajuda de autoridades, para que o filho pudesse ter o direito de acesso à escola garantido. Assim, conseguiram mandar Mamadu para Portugal, local onde tinha escola que oferecia o ensino a partir das especificidades da Cultura Surda.

Foi então que Mamadu, aos cinco anos, teve que deixar sua família para estudar em um internato em Portugal. Sobre os internatos para atendimento aos Surdos, Karin Strobel ressalta que, “[...] as crianças surdas não podiam participar nas comunidades surdas e, inicialmente, os espaços compartilhados eram os dormitórios das instituições e asilos, onde os sujeitos surdos eram entregues pelas famílias em regime de internato” (STROBEL, 2008, p. 79), assim, era nesses espaços que os surdos iniciavam o contato com sua língua e sua cultura.

O contexto familiar de Mamadu não era diferente dos demais Surdos, “Mamadu não sabia dizer uma única palavra, mas comunicava com os pais através de gestos, criados em

casa para se poderem compreender uns aos outros” (MORGADO, 2007, p. 14), tais sinais são denominados de sinais caseiros ou emergentes. Conforme Strobel,

[...] o segundo artefato cultural do povo surdo é o linguístico, a língua de sinais e um aspecto fundamental de cultura surda. No entanto incluem também os gestos denominados “sinais emergentes” ou “sinais caseiros” dos sujeitos surdos de zonas rurais ou sujeitos surdos isolados de comunidades surdas que procuram entender o mundo através dos experimentos visuais e se procuram comunicar apontando e criam sinais, pois não tem conhecimentos de sons e de palavras (STROBEL, 2008, p. 44).

Os sinais caseiros configuram-se como elementos singulares no processo de comunicação entre filho Surdo e sua família ouvinte, uma vez que a maioria das famílias ouvintes não conhece a Língua de Sinais para ensinar ao filho e, conforme esse vai crescendo, percebe a necessidade da utilização de movimentos corporais para expressar-se, dessa forma o filho Surdo e a família começam a demarcar significados para os gestos, gerando assim, possibilidades comunicativas. Com Mamadu e sua família também era assim, no dia a dia utilizavam gestos que propiciavam uma comunicação básica, mas Mamadu percebia que aquela comunicação era muito superficial, não lhe oferecia os conhecimentos necessários para o seu processo de humanização.

[...] os gestos eram demasiados simples Mamadu precisava de aprender coisas, aprender a escrever, perceber como nascem os bebês, como funciona os seu corpo, conhecer as árvores, saber o nome dos frutos, saber quem era a sua família e os seus amigos. Precisava de “ouvir” histórias bonitas (MORGADO, 2007, p. 14).

Os gestos utilizados por Mamadu, no cotidiano, apesar de promoverem um vínculo entre ele e sua família, não lhe garantia o essencial para o seu desenvolvimento como ser humano, no sentido de humanização proposto por Candido, que compreende o processo que efetiva no indivíduo “[...] traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, [...] a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor” (CANDIDO, 2004, p. 182). Mamadu tinha conhecimento que era preciso o contato com informações, ideias, conhecimentos e pensamentos para o seu desenvolvimento humano e que tudo isso lhe chegaria por meio de histórias, tal pressuposto aproxima-se do exposto por Candido:

[...] a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma

aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade (CANDIDO, 2004, p. 188).

A literatura, conforme Candido, está presente no cotidiano, assim, quando Mamadu confirma o seu desejo de apreender o mundo por meio de histórias está confirmando o papel universal da literatura, uma vez que essa não se resume em informar, mas, sobretudo, propiciar a construção de conhecimentos, levando o leitor à construção de uma visão de mundo subjetiva e autônoma.

Apesar do vínculo entre Mamadu e seus pais, das relações afetivas construídas no cotidiano que tornaram Mamadu uma criança feliz no seio familiar, esses perceberam que a comunicação existente entre eles, por meio de gestos caseiros, não proporcionaria o desenvolvimento necessário do filho, e, preocupados com a formação de Mamadu, o enviaram para um internato em Portugal, onde teria acesso a histórias, informações e conhecimentos em sua língua, a Língua Gestual. Enfim, acesso à educação, que, segundo Morin, aproximando das ideias de Candido, tem por fim “[...] contribuir para a autoformação da pessoa (ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver)” (MORIN, 2003, p. 65).

Afastar-se de sua família não foi fácil, distanciar-se daqueles que foram a sua base, até então, deixou Mamadu confuso e triste: “Fez o gesto ‘mãe’, perguntando ao pai. O pai não sabia o que dizer, apenas disse que estava longe. Mamadu queria o colo da mãe” (MORGADO, 2007, p. 21), “A mãe ficou para cuidar dos outros quatro filhos. Mamadu tinha quatro irmãos que ia deixar de ver, com quem ia deixar de brincar por muito tempo” (MORGADO, 2007, p. 18).

Mas, Mamadu voltou a ficar feliz, ao se deparar com uma escola grande, rodeada por muitas árvores, cheia de “[...] meninos brancos, cor-de-rosa, castanhos, uns claros e outros escuros, e negros” (MORGADO, 2007, p. 23), e todos Surdos, que reuniram a sua volta fazendo muitas perguntas e o convidando para brincar.

Figura 10- Mamadu: Escola de Surdos



Fonte: Morgado (2007, p. 23).

Seu pai, infelizmente, teve que voltar para África e Mamadu ficou na escola, fez amigos, tinha livros, professora e brinquedos, era um território novo, no qual Mamadu aprendia sobre o mundo, os números, os animais, o tempo, enfim, tudo aquilo que antes tinha curiosidade, por meio da Língua Gestual.

Figura 11- Mamadu: O mundo em Língua Gestual



Fonte: Morgado (2007, p. 27).

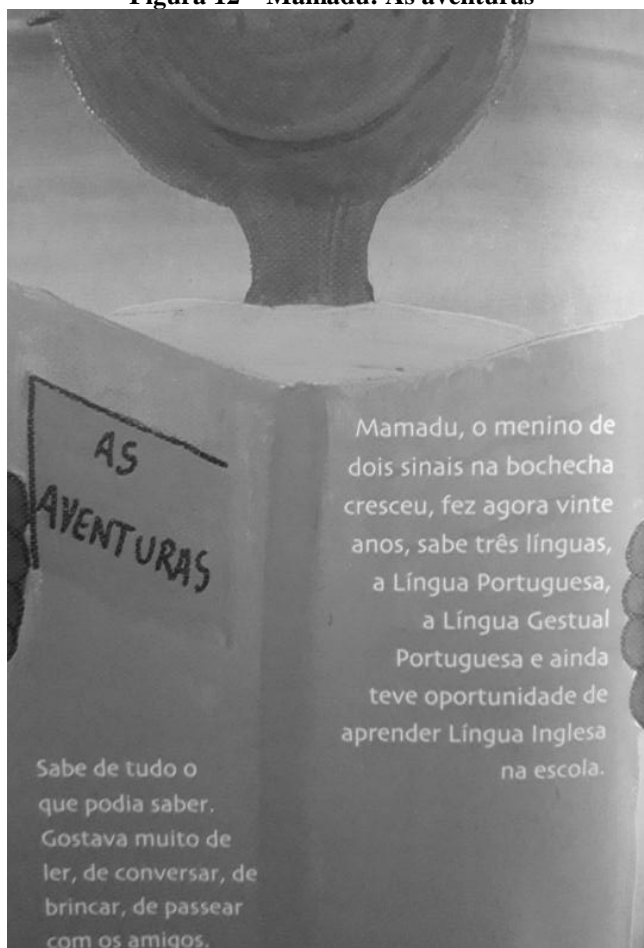
Ao adentrar no mundo da Língua Gestual, Mamadu, que também é Miguel, passou a ter três nomes, além desses dois, o nome gestual. Ou seja, Mamadu foi “batizado” por outro

Surdo ao entrar na comunidade Surda “[...] através de um sinal próprio esse sinal seria a identidade de cada um na comunidade surda. [...]a comunidade surda não se refere às pessoas pelo nome próprio, mas pelo sinal próprio recebido no ‘batismo’ quando o surdo ingressa na comunidade” (DALCIN *apud* STROBEL, 2008, p. 64).

Passados vinte anos, Mamadu torna-se um adulto e vê-se como um sujeito Surdo, autônomo e politizado, que, por meio da escola e dos livros, teve acesso à Língua Portuguesa, à Língua Gestual e à Língua Inglesa, além de conteúdos curriculares e, principalmente, conhecimentos de mundo que o tornaram um sujeito humano e sensível ao outro.

Na figura a seguir, Marta Morgado propicia ao leitor uma reflexão acerca do papel da literatura para o ser humano.

Figura 12 – Mamadu: As aventuras



Fonte: Morgado (2007, p. 30).

Por meio da intertextualidade, a autora apresenta o personagem Mamadu com um livro nas mãos, lendo aventuras. Esse processo nos remete à leitura para autoconhecimento, dessa forma, depreende-se que Mamadu, assim como qualquer outro indivíduo

[...] não carrega em si todos os conhecimentos necessários para se constituir como sujeito. Os elementos que o auxiliarão nesse processo encontram-se no outro. Com isso, a leitura apresenta-se como artifício indispensável, por apresentar experiências alheias que atuarão como norte para a autorreflexão e posterior constituição identitária do leitor (SANTOS, 2021, p. 67-68).

Marta Morgado ainda apresenta, na narrativa *Mamadu: o herói Surdo*, um personagem que passa pelo processo de formação humana por meio das leituras, bem como das relações familiares e sociais, quando criança estabelece um vínculo afetivo com seus pais e irmãos, através de gestos caseiros, e, após os cinco anos, cria relações com a sociedade, tendo como canal comunicativo a Língua Gestual.

Muitos anos se passaram e Mamadu se entristecia ao recordar os pais e o calor da África, não se lembrava como eles eram, mas o vínculo afetivo continuava forte, Mamadu “[...] tinha uma caixa grande, guardada debaixo da cama, com as cartas que lhe escreviam” (MORGADO, 2007, p. 31). As cartas, como instrumento de registro de um determinado período e acontecimento, ao serem lidas possibilita não simplesmente “[...] lembrar o que foi vivido, mas propiciar o encontro do ‘eu presente’ com o ‘eu passado’, possibilitando, assim, a reorientação interna para a construção do ‘eu futuro’” (SANTOS, 2021, p. 111), dessa forma, o processo de leitura das cartas, assim como a leitura de livros, possibilita ao personagem sua formação humana.

A literatura passou a ter um lugar ainda mais especial na vida de Mamadu quando, todos os anos, crianças Surdas continuavam a deixar seus pais e virem para Portugal para estudar. Já com vinte anos, Mamadu “[...] brincava muito com os mais novos que estavam longe das famílias, contava-lhes histórias” (MORGADO, 2007, p. 32), tinha um sonho: voltar para sua terra natal e ser professor de Surdos.

Queria ensinar coisas bonitas, ensinar como nascem os bebês, de onde viemos, explicar os frutos, as cores, a família. Queria contar histórias bonitas aos mais pequenos. Tudo isso na terra natal, para as crianças não terem que estar longe de seus pais, dos seus irmãos (MORGADO, 2007, p. 32).

A figura a seguir retrata Mamadu contando histórias às crianças Surdas que vinham da África para estudar em Portugal.

Figura 13-Mamadu: Contando histórias

Fonte: Morgado (2007, p. 33).

Já haviam se passado quinze anos de quando Mamadu deixou a Guiné-Bissau e sua família para ir estudar no internato em Portugal. Como a saudade era muita, a escola e os professores juntaram dinheiro para pagar a viagem de Mamadu a sua terra natal, “Mamadu fez a mala, tinha agora muito mais coisas do que quando veio” (MORGADO, 2007, p. 34), coisas materiais e, principalmente, abstratas, o herói Surdo regressa para suas raízes levando consigo os conhecimentos construídos sobre o mundo e, mais que isso, sobre ele mesmo.

Os sentimentos do personagem herói eram de tristeza e ao mesmo tempo de alegria, “Ia afastar-se dos amigos que tinham sido a sua família durante quinze anos, mas já não se ia afastar mais dos pais e dos irmãos” (MORGADO, 2007, p. 36). O exposto evidencia as diversas formas nas quais as relações familiares podem se estabelecer, conforme Edgar Morin, os indivíduos que convivem em um território transferem, “[...] muitas vezes oriundos de etnias bem diversas, as calorosas virtudes das relações familiares entre pessoas pertencentes a um mesmo lar (MORIN, 2003, p. 67), assim, as relações familiares extrapolam o conjunto mãe, pai e irmãos, passando a compreender a entidade que se forma a partir de sentimentos maternos/paternais que se desenvolvem entre indivíduos.

Mamadu voltou para sua família na Guiné-Bissau, mas os vínculos criados em Portugal continuaram por meio de cartas, conforme figura abaixo.

Figura 14- Carta de Mamadu à amiga Mana

Bissau, 23 de Abril de 2007

Querida Mana!

Aqui estou eu, de volta à minha terra natal. Bissau continua a não ser uma cidade como Lisboa, uma cidade destruída pela guerra que não vi nem passei por ela.

Aqui não há electricidade nem água canalizada para toda a gente.

As sete, já é noite, muito escuro, mesmo com a luz das velas, não consigo comunicar com ninguém.

As oito é a hora a que me deito, esperando pelo Sol do dia seguinte.

O Sol é realmente a fonte da minha vida.

Aqui faz muito calor, tanto quanto me lembro da minha infância, já tinha saudades. Era tanta a saudade quando voltei a ver a minha família. Já tenho três sobrinhos: Okant, Ulil, Nghaia.

Infelizmente não me lembro dos códigos que tínhamos criado em família. Eram gestos que nos ajudavam a estar mais unidos. Mas graças à Língua Portuguesa, pois não sei crioulo, nós comunicamos por escrito e pouco a pouco vou ensinando gestos. Os meus sobrinhos são os que aprendem com mais facilidade.

Fonte: Morgado (2007, p. 39).

Utilizando novamente a intertextualidade, Marta Morgado apresenta ao leitor o poder da escrita, não só como estratégia de registro, como também para evidenciar a leitura como importante forma de apreensão de mundo. Ao escrever uma carta para Mana, Mamadu relata a precariedade da Guiné Bissau, após quinze anos, “[...] aqui não há electricidade nem água canalizada para toda a gente. As sete, já é noite, muito escuro, mesmo com as luz das velas, não consigo comunicar com ninguém. As oito é a hora que me deito esperando pelo sol do sai seguinte. O sol é realmente a fonte da minha vida” (MORGADO, 2007, p. 39), na oportunidade o personagem traz à tona um dos principais artefatos culturais do povo Surdo constituído pela visão, ou seja, o artefato cultural “experiência visual”, onde a comunicação se dá por meio da visão, em substituição da audição.

Outro ponto que o herói Surdo retoma na carta é a comunicação com seus familiares por meio dos gestos caseiros, gestos esses esquecidos por ele, já que há muito não os utilizava. Agora, se comunicam através da escrita da Língua Portuguesa e Mamadu se dedica a ensinar-lhes a Língua Gestual, o que chama a atenção é a facilidade dos sobrinhos em aprender tal língua.

Mamadu começa a desenvolver diversos trabalhos em prol da comunidade Surda da Guiné-Bissau, dentre os quais a fundação da Associação de Surdos, da escola de Surdos e a disseminação da Língua Gestual por meio de cursos. Já como professor, o personagem vê-se numa realidade permeada por gestos que se entrelaçam e procuram por sentidos e, nesse processo de construção de significados, Mamadu conta histórias e auxilia os Surdos da Guiné-Bissau a construírem conhecimentos.

Figura 15- Escola Nacional de Surdos da Guiné-Bissau



Fonte: Morgado (2007, p. 44).

Mamadu: o herói Surdo é uma narrativa ficcional que apresenta a história de vida do personagem surdo Mamadu, que quando criança teve que deixar seus pais na Guiné-Bissau para ir estudar em Portugal, pois no seu país não tinha escola para Surdos e a Língua Gestual não era conhecida. A narrativa em questão, por metonímia, representa a história real de muitas pessoas Surdas da África que tiveram que deixar suas casas e suas famílias para terem acesso ao processo de escolarização em Portugal.

Ao final da obra, são homenageados nove Surdos que passaram por experiência semelhante à de Mamadu, são eles: Amílcar Furtado, separou-se da família aos dois anos e só a via nas férias; Abubacar Turé, aos cinco anos foi para a escola de Surdos e há quatro anos não vê a mãe e os irmãos; Jonas Timas, aos seis anos foi para escola de Surdos e via a família de dois em dois anos; Gracelino Pereira, aos quatro anos foi para a escola de Surdos e não vê o irmão há cinco anos; Benvinda Kissanga, aos oito anos foi para a escola de Surdos e só encontra com a família de dois em dois anos; Iruência Oliveira, aos dois anos foi para a escola de Surdos e também só vê a família de dois em dois anos; Jorge Benge, tinha oito anos quando foi para a escola de Surdos com sua irmã de doze anos, a mãe foi junto com eles, mas

o pai ficou em Angola; e, Helder Duarte e Nelson Sereno, aos um e quatro anos, respectivamente, foram para a escola de Surdos, ficaram quatro anos sem ver a família e depois passaram a se encontrar nas férias.

A história de Mamadu é permeada por dificuldades, mas acima de tudo, por laços familiares que servem de base para a sua formação. Assim, Mamadu cresce e mantém consigo suas raízes, tonando-se, assim, um ser humano consciente de si e sensível ao outro, o que nos remete ao processo de humanização, proposto por Antonio Candido. Nesse sentido, afirma Morgado, “[...] é tão simples como um único adulto, um modelo surdo, pode mudar a vida, a cabeça, de tantas crianças. Ele é o herói das crianças surdas da Guiné-Bissau, ele é o meu herói!” (MORGADO, 2007, p. 44). Assim, Mamadu, ao reconhecer-se e ser reconhecido como Surdo, passa a ser identificado como modelo para as crianças Surdas, passando a construir territórios favoráveis para a formação humana dos futuros adultos Surdos.

3.2 Tibi e Joca: uma história de dois mundos

Dentre as diversas formas que a Literatura Surda se manifesta, destacam-se as produções impressas, como exemplo, podemos citar as obras: *Despertar do silêncio*, *O grito da gaivota*, *Mamadu: o herói Surdo* e *Tibi e Joca: uma história de dois mundos*, já elucidadas nesse trabalho. Contudo, cabe destacar que mesmo essas obras sendo impressas, cada uma tem sua especificidade, as duas primeiras fazem uso da língua oral escrita e não apresentam imagens no corpo do texto, a segunda além do texto escrito faz uso de muitas imagens, que servem de apoio para a construção de sentidos, já a terceira narrativa que adentraremos nesse subtópico, constitui-se, prioritariamente, por imagens, sendo que as poucas palavras encontradas nas suas páginas são onomatopéias, ou seja, fazem referência ao som de pessoas e objetos. Destaca-se que as duas últimas obras citadas destinam-se aos públicos infantil e juvenil. Daí as marcas características de impressão e diagramação.

Contudo, pouco se vê a utilização predominante de imagens em obras da Literatura Surda, em sua maioria os autores optam pela língua oral escrita, segundo a pesquisadora Helen Cristine Alves Rocha:

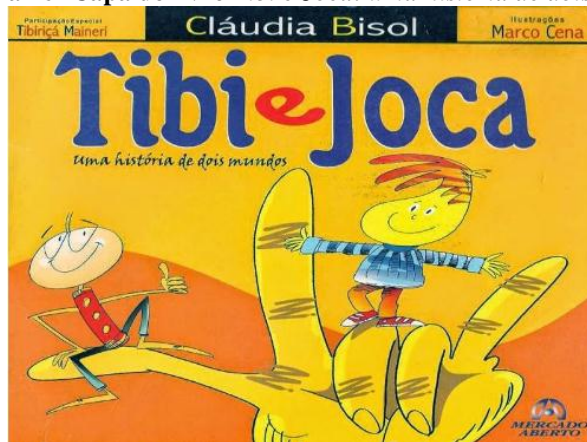
[...] a Literatura Surda representa a história dos surdos, contraditoriamente, são poucos os que a conhecem ou têm acesso a ela. Suas obras publicadas de forma impressa são voltadas para o público infantil, mas estão predominantemente em escrita de sinais ou em Português escrito, o que

pressupõe um público que domine a leitura nessas modalidades - uma irrealidade com relação à maior parte das crianças surdas brasileiras (ROCHA, 2022, p. 64).

Nesse sentido, a autora Cláudia Bisol ao optar por utilizar imagens, em detrimento de palavras na narrativa *Tibi e Joca: uma história de dois mundos* (2011), possibilita ao leitor Surdo uma aproximação maior com o enredo, tendo em vista a especificidade visual, que é a principal forma de apreensão de mundo pelo sujeito Surdo.

Com ilustração de Marco Sena, a obra em questão, já na capa, convida o leitor a adentrar o mundo dos personagens Tibi e Joca, por meio de cores vivas e atraentes, o amarelo, o vermelho e o azul, além de trazer o desenho dos personagens em cima de uma mão com o sinal *I Love You*, com expressões de contentamento. Através do disposto na capa, o leitor tem pistas dos elementos que permearão a narrativa, dentre as quais podemos destacar a relação que será construída em um mundo que faz uso da Língua de Sinais como canal de comunicação.

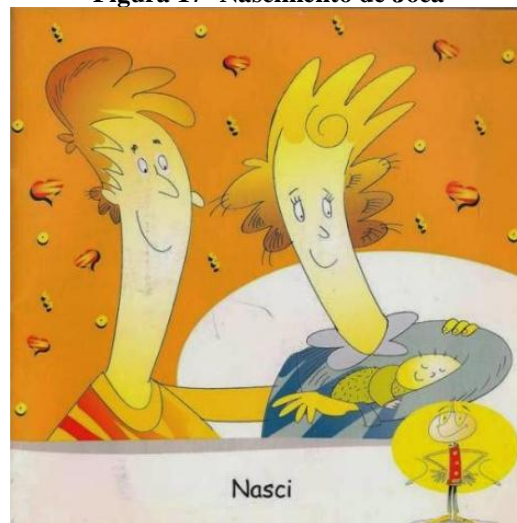
Figura 16- Capa do livro *Tibi e Joca: uma história de dois mundos*(2001)



Fonte: Bisol (2001).

O enredo tem início com o nascimento de um bebê, a palavra “Nasci” aparece sozinha e demarca o narrador em primeira pessoa. O contexto construído pelas imagens, por si só, já possibilita ao leitor situar-se na narrativa, uma vez que apresenta um casal feliz com um bebê recém-nascido. Contudo, o leitor atento identifica, na parte inferior da imagem, um personagem com as mãos na cintura e com expressão facial de incerteza, o que suscita a curiosidade sobre o que virá nas páginas seguintes.

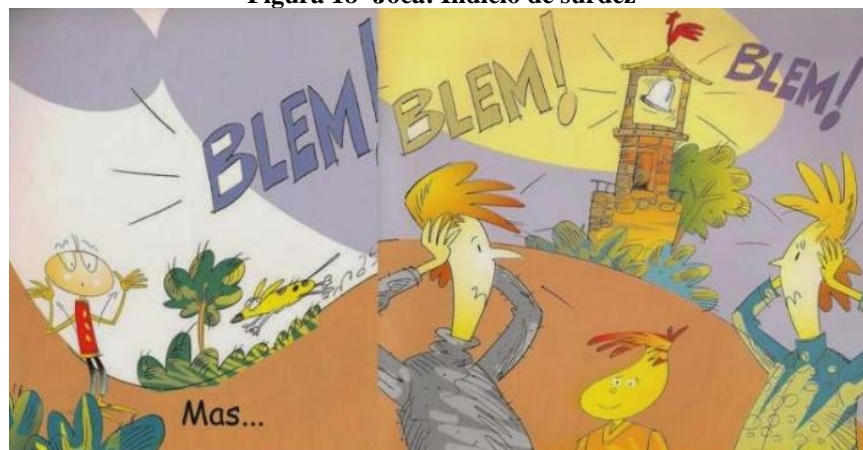
Figura 17- Nascimento de Joca



Fonte: Bisol (2001, p. 3).

O tempo vai passando, Joca se desenvolve, recebe atenção e carinho da sua família, assim como qualquer outra criança. Até que um dia seus pais começam a perceber que o filho tinha algo diferente, e ao se depararem com o som estridente do “BLEM! BLEM! BLEM!” (BISOL, 2001, p. 5) ficam todos incomodados, menos Joca, que se vê indiferente a todo aquele barulho, na imagem Tibe acompanha a cena com expressão preocupada.

Figura 18- Joca: Indício de surdez



Fonte: Bisol (2001, p. 5).

A partir de então, Joca começa a ser observado pelos pais. Ao brincar sozinho, seus pais começam a falar-lhe por meio da língua oral, mas são ignorados, o que os faz aumentar ainda mais as dúvidas sobre Joca e, diante de tanta incerteza, procuram ajuda médica.

Figura19– Confirmação da surdez



Fonte: Bisol (2001, p. 8).

A cena em questão representa um acontecimento recorrente nas famílias onde nascem filhos Surdos, a autora Shirley Vilhalva, em sua autobiografia publicada em 2004, retrata suas lembranças acerca desse episódio:

[...] passado muito tempo ainda faz parte de minha recordação que um dia com meus queridos pais fui em uma casa estranha, ali havia pessoas com roupas brancas, de repente percebi que uma pessoa entrava e outra saía, logo chegou minha vez, mamãe me deixou só e uma mulher me olhava, me fitava e quando vi se levantou, andou e pegou uma caixa e foi abrindo, abaixando me mostrou vários objetos, mamãe apareceu novamente e partimos dali (VILHALVA, 2004, p. 11).

Assim, como Vilhalva e Joca, as famílias quando se deparam com um filho Surdo tendem a buscar uma saída para que seus filhos voltem a ouvir, na intenção de que possam se desenvolver como as demais crianças. Outro fato recorrente nessas famílias é o desconhecimento da existência da Língua de Sinais e suas potencialidades, nas palavras de Karin Strobel: “[...] para essa comunidade ouvinte, o nascimento de uma criança Surda é uma catástrofe, porque estão acostumados com padrão ‘normalizador’ para integrar a vida social e também desconhecem o ‘mundo dos Surdos’” (STROBEL, 2008, p. 23). Contudo, as duas situações apresentadas, de Vilhalva e Joca, representam o comportamento da maioria das famílias de Surdos, constituído pela dedicação e preocupação em estar com seus filhos na busca por uma resposta.

Após confirmada a surdez, vários são os sentimentos encontrados no contexto familiar, os pais tentam encontrar a culpa, o filho sente-se triste e sozinho e, ao se descobrir Surdo, percebe-se isolado num mundo de silêncio, onde os ouvintes, em sua maioria, não conseguem entrar. Para Oliver Sacks, essa situação “[...] é o que se chama de isolamento

mental. Enquanto todos os outros falam e riem, você se mantém distante quanto um árabe solitário num deserto que se estende para o horizonte por todos os lados” (SACKS, 2010, p. 102).

A narrativa continua, e nesse contexto de isolamento, o personagem Tibi tem uma ideia, promover a viagem de Joca ao mundo dos Surdos. Viagem essa que se torna o ‘divisor de águas’ em sua vida, uma vez que o mundo em questão constitui-se pela Cultura Surda, que, como dito no Capítulo 1, corresponde à língua, ideias, crenças, costumes e hábitos do povo Surdo.

Figura 20- Joca: Viagem ao mundo dos surdos



Fonte: Bisol (2001, p. 17).

Ao conhecer e adentrar o mundo dos Surdos, Joca logo se identificou, a Língua de Sinais proporcionava-lhe expressar e compreender o que lhe era falado, a comunicação por meio dessa língua fluía de forma natural, o encontro com seus pares propiciou-lhe a descoberta de si, era Surdo e como tal a sua língua materna corresponde à Língua de Sinais, e não à língua oral.

Joca descobriu que a experiência visual é que lhe possibilita interagir com o outro e com o mundo, e que “desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico (PERLIN e MIRANDA, 2003, p. 218). Na figura a seguir é apresentada a Língua de Sinais, por meio de configurações de mãos e a alusão aos movimentos, através de setas, elementos esses que constituem os parâmetros das Línguas de Sinais.

Figura 21– Joca: Encontro com a Língua de Sinais



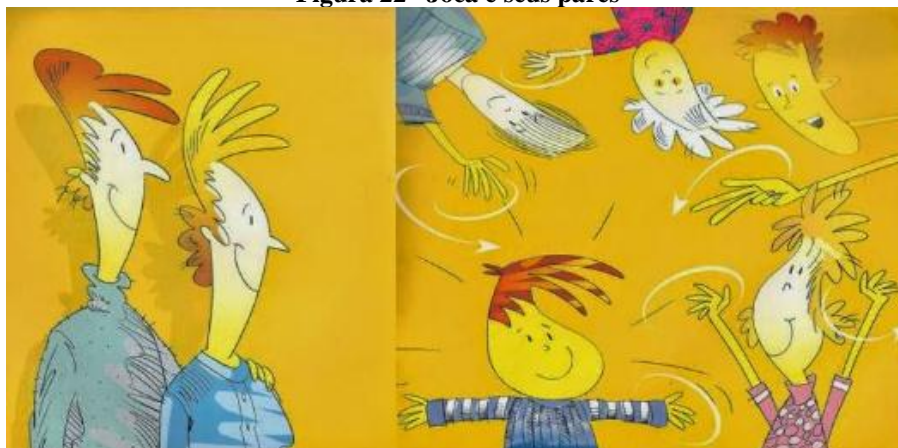
Fonte: Bisol (2001, p. 18).

Joca começa a fazer parte da Comunidade Surda, desenvolve a sua língua, a Língua de Sinais, com seus pares, sente-se bem, pois compreende e é compreendido. Seus pais acompanham seu desenvolvimento, ficam felizes por Joca encontrar-se no mundo. Contudo, não utilizam a Língua de Sinais para comunicação, devido à dificuldade no aprendizado da mesma. Para essa situação, que é tão comum nas famílias de Surdos, Oliver Sacks elucida que:

[...] pais ouvintes com sensibilidade podem reconhecer isso em certa medida e tornar-se, eles próprios, muito habilidosos em interação visual. Mas existe um limite para o que os pais ouvintes, por mais amorosos que sejam, podem proporcionar; porque eles são, por natureza, seres auditivos e não visuais (SACKS, 2010, p. 94).

Dessa forma, os pais de Joca encontram-se num território árduo, onde precisam estabelecer a comunicação através da modalidade espaço visual, quando são totalmente dependentes da modalidade oral auditiva, e, estando nesse entre lugar, começam a compreender e apoiar o filho nesse novo mundo.

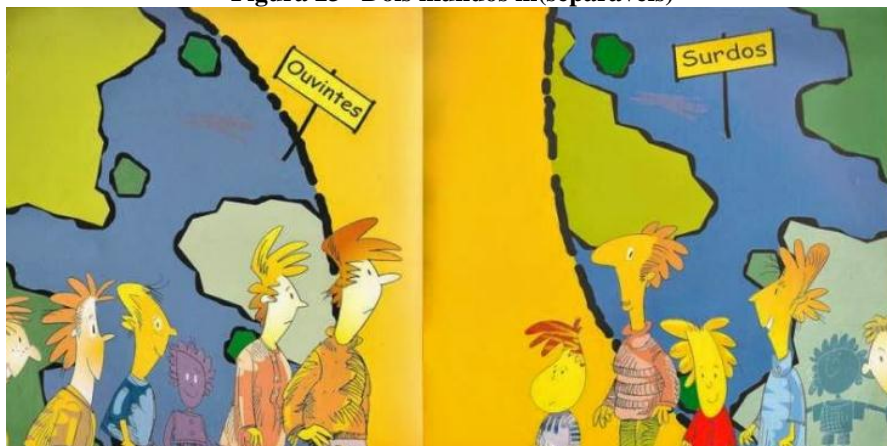
Figura 22– Joca e seus pares



Fonte: Bisol (2001, p. 19).

Deparar-se com a realidade, ou seja, a existência de dois mundos, que mesmo tão distante encontram-se tão próximos, conforme figura a seguir (Figura 23), não faz parte somente do enredo construído por Cláudia Bisol, pelo contrário, tal situação é vivenciada pela maioria das famílias de Surdos.

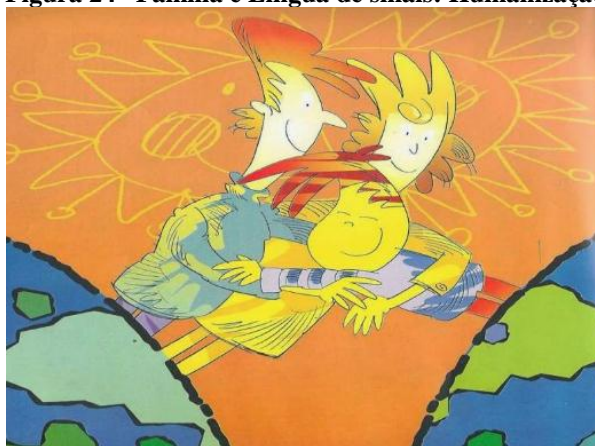
Figura 23– Dois mundos in(separáveis)



Fonte: Bisol (2001, p. 21).

Ao apresentar o personagem Surdo Joca e sua relação com seus pais ouvintes, o enredo propicia ao leitor uma reflexão acerca da existência de dois mundos, que fazem uso de línguas de modalidades diferentes, mas que se encontram e interagem, e é nesse encontro que o sujeito Surdo passa pelo processo de formação humana, ou seja, humanização, processo esse representado na figura a seguir.

Figura 24– Família e Língua de sinais: Humanização



Fonte: Bisol (2001, p. 24).

3.3. Representação da família nos processos de formação humana em Marta Morgado e Cláudia Bisol

As obras que compõem o *corpus* de análise deste trabalho, *Mamadu: o herói surdo* (2007) e *Tibi e Joca: uma história de dois mundos* (2001), apresentam em seus enredos histórias de pessoas Surdas que tiveram experiências diferentes no seu processo de formação humana, mas cada uma delas encontra afinidade com histórias reais de Surdos que passaram pelo processo da descoberta da surdez e, posteriormente, da Língua de Sinais, até descobrirem a si mesmos.

Em ambos os enredos há a presença constante da família nos primeiros anos de vida do filho Surdo. Na narrativa *Mamadu: o herói Surdo* (2007), a autora portuguesa Marta Morgado, já na dedicatória, apresenta ao leitor uma reflexão a respeito da família. Ao dizer: “[...] e a tantos, tantos, tantos outros meninos que tiveram de trocar a família pela escola” (MORGADO, 2007, p. 4), com essa fala a autora chama a atenção para o fato de que as famílias não estão isoladas do mundo, pelo contrário encontram-se entrelaçadas ao contexto social, o que corrobora o exposto pelas pesquisadoras Mara Regina Santos Silva e Valéria Lerch Lunardi:

[...] é importante destacar que a família precisa ser compreendida não apenas dentro dos limites do grupo que a constitui, mas, também, em sua relação com o contexto onde se inscreve, já que esta instituição comporta nela própria o meio que a circunda e, também, os problemas que lhe são, simultaneamente, íntimos e exteriores (SILVA e LUNARDI, 2006, p. 67).

Dessa forma, é perceptível que o fato de ‘trocar a família pela escola’, não compreende, somente, deixar a família e ir para a escola, tal fato perpassa a ideia de colaboração entre família e escola, no sentido de que situações conflitantes que não podem ser resolvidas dentro da instituição família, podem ser levadas a outras instituições sociais com o intuito de serem resolvidos, como, por exemplo, a escola. Tendo em vista a impossibilidade de a família oferecer uma educação que atenda às especificidades do filho Surdo, a escola torna-se um instrumento de apoio, no sentido de prover meios que possibilitem o desenvolvimento do mesmo, nesse caso, a priorização da Língua de Sinais e da Cultura Surda.

Ainda no enredo, o narrador ambienta o leitor ao chamar a atenção para as relações entre mulheres e crianças na chegada dos portugueses à Guiné-Bissau, “[...] os navegadores portugueses quando chegaram a essa terra maravilhosa viram um grupo de mulheres a pescar e um grupo de crianças a brincar na água. O que deu a entender que seria um país de mulheres e de crianças” (MORGADO, 2007, p. 7). A percepção dos portugueses acerca daquele grupo de mulheres e crianças como unidade constitutiva daquele território, nos remete à “teoria da complexidade” proposta por Edgar Morin, para esse pesquisador:

[...] existe complexidade, de fato, quando os componentes que constituem um todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico) são inseparáveis e existe um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre as partes e o todo, o todo e as partes (MORIN, 2003, p. 13).

Dessa forma, mulheres e crianças passam a constituir uma entidade por meio de laços afetivos, de proteção e sobrevivência, elementos esses que podem ser encontrados também nas relações familiares, o que aproxima o grupo avistado pelos portugueses ao conceito de família.

Ao apresentar o personagem Mamadu, o narrador enfatiza as relações estabelecidas entre esse e as demais crianças da Guiné-Bissau, todos gostavam muito de brincar, correr ficar descalço, eram alegres, independentemente de serem Surdos ou ouvintes. Com sua família não era diferente, Mamadu era uma criança ativa nos deveres de casa, auxiliava a mãe buscando a água e ajudava o pai com os sacos de arroz, tais atividades cotidianas demonstram não só que Mamadu tinha responsabilidades e obrigações, mas, sobretudo, a relação de afeto e companheirismo desenvolvida entre ele e seus pais. Tal fato, ao se desenrolar num contexto de dificuldades econômicas e sociais, nos remete à reflexão proposta por Silva e Lunardi, onde as famílias:

[...] mesmo vivendo em situações potencialmente de risco que poderiam comprometer seu desenvolvimento como grupo, expostas à condição de exclusão social e destituídas de seus direitos essenciais e, mesmo assim, são capazes de administrar os desafios quotidianos e instituir-se como o lugar do afeto, do cuidado e dar suporte para seus membros (SILVA e LUNARDI, 2006, p. 71).

O contexto familiar no qual Mamadu é exposto até os cinco anos, apesar das dificuldades impostas pelo meio social, é cercado por afeto, união e cuidado. Ao reunirem-se para jantar, comiam arroz e peixe no mesmo prato, tal situação demonstra a empatia dos membros daquela família uns para com os outros, bem como representa a interdependência e a solidariedade que são “[...] mantidas, em geral, pela troca mútua de serviços; pelo apoio e pelos problemas que compartilham de tal forma que, ao mesmo tempo em que podem perder sua privacidade, também ganham pela possibilidade de cumplicidade e solidariedade” (SILVA e LUNARDI, 2006, p. 71).

Mamadu crescia na companhia dos seus irmãos, tinham suas brincadeiras e faziam brincadeira dos momentos mais simples, como tomar banho no alguidar, dessa forma fortaleciam seus laços e se descobriam a cada dia, apesar da pobreza em que viviam eram felizes.

Os pais de Mamadu tinham uma preocupação especial com o fato daquele lugar não oferecer oportunidades para seu filho Surdo e os demais Surdos que ali viviam. Não sabiam ao certo o motivo da surdez de Mamadu, mas acreditavam que era devido ao paludismo, também conhecido como malária, que o acometeu quando bebê. Cientes das limitações que Mamadu enfrentaria na Guiné-Bissau, devido ao desconhecimento das suas especificidades linguísticas e culturais, seus pais buscam ajuda junto ao governo para que seu direito de estudar garantido, bem como o direito de ser um sujeito ativo na sociedade. Este momento da história remete ao princípio da inclusão, proposto por Morin, o qual, “[...] é tão fundamental quanto os outros princípios. Supõe, para os humanos, a possibilidade de comunicação entre os sujeitos de uma mesma espécie, de uma mesma cultura, de uma mesma sociedade (MORIN, 2003, p. 122).

Com isso, as relações familiares apresentadas na obra de Marta Morgado evidenciam a constante preocupação dos pais para com Mamadu, no que diz respeito, principalmente, ao processo de humanização, cientes da necessidade de possibilitar a Mamadu um ensino por meio de sua língua. Mamadu é levado para outro país, no qual terá acesso, não só à Língua de

Sinais, mas a uma cultura que o possibilitará reconhecer-se no mundo. Esse pressuposto está intimamente ligado ao princípio de comunicação, evidenciado por Edgar Morin (2003), que por sua vez, está incluído no princípio da identidade, que se manifesta no princípio da inclusão.

Até os cinco anos, o personagem herói comunicava-se com seus pais e irmãos por meio de gestos, criados no contexto familiar. A comunicação, como um dos princípios humanos, emerge do contato entre indivíduos, que são “[...] os únicos seres vivos, na terra, que dispõem de um aparelho neurocerebral hipercomplexo, e os únicos que dispõem de uma linguagem de dupla articulação para comunicar-se, de indivíduo a indivíduo. Os únicos que dispõem da consciência” (MORIN, 2003, p. 35). Dessa forma, as relações familiares partem de uma linguagem, na maioria das vezes a língua oral permeia tais relações, contudo, nas famílias com integrantes Surdos a tendência é utilizar a Língua de Sinais ou, quando não tem contato com essa, convencionar sinais para embasar o processo comunicativo, assim como evidenciado na família de Mamadu.

Expostas algumas especificidades acerca da família na obra *Mamadu: o herói surdo* (2007), a partir então, será elucidado esse aspecto no enredo da obra *Tibi e Joca: uma história de dois mundos* (2001). Cláudia Bisol ao apresentar o personagem Joca e sua relação com a sua família e a sociedade, proporciona ao leitor reflexões acerca do reconhecimento das especificidades dos sujeitos Surdos para a formação humana dos mesmos, assim como propõe Marta Morgado em *Mamadu: o herói surdo*.

No enredo apresentado por Bisol, o ponto de partida é a família, onde o narrador começa a contar sua história, passando pelo seu nascimento e suas festas de aniversário, mostrando ao leitor que nos primeiros anos de vida as crianças Surdas ou ouvintes têm o mesmo tratamento pela família.

Passados alguns anos, a família descobre a surdez de Joca, o que traz muitas dúvidas, entre elas o que fazer para garantir o seu desenvolvimento. Assim, como todas as famílias que se veem nessa situação, a primeira ação é procurar a resposta na Medicina, e quando comprovada a surdez vem o sentimento de culpa e impotência frente a essa realidade. A situação exposta aproxima-se do conceito de desordem, proposto por Morin, que

[...] pode englobar, no âmbito da família, os riscos, a agitação, a perturbação, os acasos, a desorganização, os acontecimentos não previsíveis que, muitas vezes, ameaçam sua organização, em decorrência da brutalidade do desemprego, da desigualdade social e das doenças inesperadas, para os quais nem sempre encontram solução satisfatória. Enfim, a desordem pode estar

associada às turbulências geradas tanto em seu meio interno quanto externo, as quais, de alguma maneira, desestabilizam a ordem reinante no sistema familiar e, simultaneamente, processam uma nova ordem (MORIN, 2002, p. 70).

A descoberta da surdez do filho, inicialmente, causa a desordem no sistema familiar. Contudo, assim como afirma Morin, possibilita o estabelecimento de uma nova ordem, uma nova forma de sentir, que envolve a tristeza e o isolamento do filho e a angústia dos pais; de comunicar, a emergência de sinais caseiros e outras estratégias comunicacionais, como, por exemplo, leitura labial; enfim, uma nova percepção do mundo, ambos descobrem a existência de dois mundos, o mundo dos Surdos e o mundo dos ouvintes.

Joca, ao ser levado por Tibi ao mundo dos Surdos, depara-se com um território no qual a comunicação se dá por meio, prioritariamente, da visão, bem como descobre que pode se expressar e compreender o outro por meio da Língua de Sinais. Tal fato possibilita ao personagem perceber-se, não só como Surdo, mas, como sujeito ativo na sociedade. Todo esse processo é acompanhado por seus pais, que ficam felizes por Joca descobrir a existência de um lugar no qual se sente acolhido e contente. Entretanto, surgem algumas barreiras no seio familiar, os pais que sempre fizeram uso da língua oral, se deparam com a necessidade de aprender a Língua de Sinais para conversarem com seu filho, não é um processo fácil, tendo em vista as especificidades que diferem uma língua da outra.

Emerge nesse contexto outra desordem, pais e sociedade no mundo dos ouvintes e Surdos no mundo visual gestual, o que exige uma nova organização, com vistas a evitar o distanciamento entre os membros dessa instituição familiar. Assim, finalizando o enredo, o personagem Tibi apresenta ao leitor o ‘amor’ como princípio para a reorganização familiar. Depreende-se, dessa forma, que Joca e seus pais, apesar de pertencerem a mundos diferentes, mantêm seus laços familiares por meio do afeto, sentimento esse que abre espaços para novas possibilidades de comunicação e, por consequência, de aproximação.

Diante do exposto, depreende-se que as obras *Mamadu: o herói surdo* (2007) e *Tibi e Joca: uma história de dois mundos* (2001), das autoras Marta Morgado e Cláudia Bisol, têm em seus enredos a representação da família no processo de formação do filho Surdo, tanto Mamadu quanto Joca são permeados por relações de afetividade, onde pais, cada um à sua maneira, estabelecem vínculos permeados de sentimentos que possibilitam a base para a formação humana dos filhos, bem como impulsionam os mesmos a conhecerem o mundo dos Surdos e, mais que isso, conhecerem a si mesmos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando ao fim dessa reflexão espera-se que o presente trabalho possibilite que novos territórios de discussões sejam abertos a respeito da Literatura Surda e, de maneira especial, acerca do contexto literário e seu papel na formação do sujeito Surdo. Ao pensar no papel da literatura, remetemo-nos a Antoine Compagnon que, em sua obra *Literatura pra quê?*, reflete sobre algumas funções da literatura, dentre as quais destacamos: “[...] a literatura, instrumento de justiça e de tolerância, e a leitura, experiência de autonomia, contribuem para a liberdade e para a responsabilidade do indivíduo” (COMPAGNON, 2009, p. 33-34).

Partindo do pressuposto de que a literatura e a leitura contribuem para a liberdade e responsabilidade do sujeito, elementos esses fundamentais para a formação humana, a ideia exposta por Compagnon reflete o tema central desta dissertação que é “a formação humana do sujeito surdo na perspectiva das relações sociofamiliares presentes na Literatura Surda Portuguesa e Brasileira”, ou seja, a literatura constitui-se por elementos que possibilitam ao sujeito passar pelo processo de humanização, que constitui, dentre outros aspectos, a percepção de si e do outro.

Nesse sentido, as reflexões construídas acerca das obras *Mamadu: o herói surdo* (2007) e *Tibi e Joca: uma história de dois mundos* (2001), que constituíram o *corpus* de análise dessa pesquisa, sob a ótica do referencial teórico elaborado, evidenciaram que os personagens Mamadu e Joca, a partir das relações com seus familiares, desde os primeiros anos de vida, desenvolveram sentimentos permeados por afetividade, o que possibilitou o reconhecimento de si como sujeito sensível para com o outro.

Ao aproximar as obras, das autoras Marta Morgado e Cláudia Bisol às propostas de Antonio Candido acerca da formação humana, foi possível perceber que a literatura como campo carregado de representação possibilita ao sujeito, não só a fruição, mas, acima de tudo, reconhecer-se a partir das experiências do outro. Nesse caso, o processo de formação dos personagens Mamadu e Joca mostram as especificidades que permeiam a vida do Surdo, bem como a necessidade do reconhecimento da Língua de Sinais e da Cultura Surda para o seu desenvolvimento pessoal e social.

As obras analisadas apresentaram em seu enredo a história dos personagens Surdos, Mamadu e Joca, contudo, no decorrer da leitura, o leitor percebe a presença marcante da

família, desde as relações cotidianas nos primeiros anos de vida, até a abertura para que seus filhos adentrem o mundo dos Surdos.

As obras apresentam experiências diferentes em cada núcleo familiar, no entanto, ficam fortemente evidentes os sentimentos que ambas têm durante o processo de formação do filho. Mamadu e Joca se deparam a todo instante com barreiras, que são consequências da falta de comunicação, ou seja, consequências da falta do reconhecimento e uso da sua língua.

Dessa forma, as análises propostas evidenciam que o sujeito Surdo, representado pelos personagens Mamadu e Joca, tem seu processo de formação humana prejudicado quando não tem o apoio da família, ou seja, a falta de comunicação e afetividade tende a ser crucial para que o filho Surdo não se perceba como sujeito ativo.

Candido, ao refletir sobre o processo de humanização, aponta para o fato de que a literatura é capaz de humanizar o sujeito, uma vez que contribui para o desenvolvimento de aspectos essenciais ao ser humano, dentre os quais podemos destacar a reflexão, a empatia, a sensibilidade para com os problemas e para com o outro, enfim a percepção da complexidade do mundo.

Dito isso, a obra portuguesa *Mamadu: o herói surdo* (2007) e a narrativa brasileira *Tibi e Joca: uma história de dois mundos* (2001) apresentam enredos com personagens Surdos que se tornam heróis, por representarem os próprios Surdos e seu processo de formação humana, bem como apresentam o papel da família nesse processo, onde o indivíduo Surdo deixa de ser passivo para ser autônomo nas relações sociais.

REFERÊNCIAS

ANDERSEN, Hans Christian. “O Patinho Feio”. In: *Contos de Andersen* – ilustrações de Matthieu Blanchin, tradução Virginia KusterPuppi – São Paulo: Paulus, 1996.

ASSOCIAÇÃO DE SURDOS DO PORTO. 2003. Disponível em: <http://www.asurdosporto.org.pt/artigo.asp?idartigo=10>. Acesso em: 17 nov. 2021.

AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

AZEVEDO, Ricardo. *Aspectos da literatura infantil no Brasil, hoje*. Palestra feita no I Salão do Livro - Encontro Internacional de Literaturas em Língua Portuguesa da Secretarias de Cultura do Município e do Estado de Minas Gerais Belo Horizonte - 15 de Agosto de 2000. Disponível em: <http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Aspectos-da-literatura-infantil-no-Brasil.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2021.

BALÇA, A. M. F. M. de P. A formação de crianças leitoras: a família como mediadora de leitura. *Revista de Educação Pública*, [S. l.], v. 26, n. 63, p. 713-727, 2017. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/4382>. Acesso em: 17 dez. 2021.

BISOL, C. *Tibi e Joca: uma história de dois mundos*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001.

BRASIL. *Decreto nº. 5.626, de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a lei nº 10.436, e o artigo 18 da Lei nº 10.098. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/dec5626.pdf>. Acesso em: 19 set. 2021.

CANDIDO, Antonio. “A literatura na evolução de uma comunidade”. In: *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro, 2006.

CANDIDO, Antonio. “O direito à literatura”. In: *Vários Escritos*. 4ª Ed. São Paulo / Rio de Janeiro: Duas Cidades / Ouro sobre azul, 2004, p. 169-191.

CARVALHO, Luiz Claudio da Costa. *Lendas da Identidade: O conceito de Literatura Surda em perspectiva*. 1 ed. Curitiba: Appris, 2019.

COMPAGNON, Antoine. *Literatura pra quê?* Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.

DALCIN, Gladis. *Um estranho no ninho: um estudo psicanalítico sobre a constituição da subjetividade do sujeito surdo*. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2005.

DICIO, Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/literacia/#:~:text=Significado%20de%20Literacia&text=Qualidade%20da%20pessoa%20letrada%2C%20de,latim%20litteratu%2C%20%22culto%22>. Acesso em: 12 jan. 2021.

ESPINDOLA, Claudia; ZIESMANN, Cleusa Inês; BATISTA, Jeize de Fátima. “O nascimento de uma mãe”. In: ZIESMANN, Claudia Inês [et al]. *Famílias sem libras: até quando?*. Santa Maria: Editora e Gráfica Curso Caxias, 2018.

FERNANDES, Manuel de Jesus. *Paludismo*. Tese de Doutorado apresentada á Faculdade de Medicina - do Pôrto. Escola Tipográfica da Oficina da S. José Rua Alexandre Herculano. Porto, 1919.

FREIRE, Adelize Manuela Moreno. A Representação do Ilhéu em Manuel Lopes. Universidade de Cabo verde. 2010. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/38680938.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2021.

GESSER, A. Do patológico ao cultural na surdez: para além de um e de outro ou para uma reflexão crítica dos paradigmas. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, SP, v. 47, n. 1, p. 223–239, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8645205>. Acesso em: 13 jan. 2021.

GIRÃO, Maximina. *Silêncios feitos Gestos*. Associação de Surdos do Porto. Porto, 2003. Disponível em <http://www.asurdosporto.org.pt/artigo.asp?idartigo=334>. Acesso em: 16 nov. 2021.

GOLDFELD, Márcia. *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista*. 2ª ed. – São Paulo: Plexus Editora, 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HESSEL, Carolina; ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir. *Cinderela Surda*. Canoas: Ed. ULBRA, 2005.

HESSEL, Carolina; ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir. *Rapunzel Surda*. Canoas: Ed. ULBRA, 2003.

KARNOPP, Lodenir Becker. *Literatura Surda*. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: Centro de Comunicação e Expressão, 2008.

KLEIN, Carla Beatriz Medeiros. “Da oralização para o uso das mãos como ferramenta de comunicação e expressão”. In: ZIESMANN, Claudia Inês [et al]. *Famílias sem libras: até quando?*. Santa Maria: Editora e Gráfica Curso Caxias, 2018.

LABORIT, Emmanuelle. *O grito da gaivota*. Tradução de Angela Sarmiento. Lisboa: Caminho, 2000.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Organização de J. M. G. Noronha; Tradução de M. I. C. Guedes. Belo Horizonte: Editorada UFMG, 2008.

LEONEL, Maria Célia; SEGATTO, José Antonio. Considerações sobre autobiografia. In: LEONEL, M. C.; GOBBI, M. V. Z. (Orgs.). *Modalidades da narrativa*. São Paulo: CulturaAcadêmica, 2013.p. 187–207.

LOPES, Gérison Kézio Fernandes. TOLOMEI, Cristiane Navarrete. SOUZA, Fábio Marques de. *Libras, língua(gem) e literatura: interfaces da identidade cultural surda*. São Paulo: Mentis Abertas, 2019.

LUZIE, Marta. *A dobra do destino*. Rio de Janeiro: 7Letras, 1999.

MARTINS, Elsa Sofia de Almeida. *A tradução para voz de poesia concebida em Língua Gestual Portuguesa*. Dissertação (mestrado) – Universidade Católica Portuguesa. Lisboa, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/20653/1/TESE%20-Elsa%20Sofia%20Martins.pdf>. Acesso em: 10 out. 2021.

MELO, Maria do S. N.; MEDEIROS, Joatan D. F, de. *Análise da Literatura Surda como discurso das minorias*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. VI Encontro Nacional de Literatura Infanto-Juvenil e Ensino. 2016. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlije/2016/TRABALHO_EV063_MD1_SA16_ID1277_10082016113031.pdf. Acesso em: 18 jan. 2021.

MORGADO, Marta. *Literatura das línguas gestuais*. Lisboa: Universidade Católica, 2011.

MORGADO, Marta. *Luanda Lua*. 1ª ed. Carcavelos: Surd'Universo, 2012.

MORGADO, Marta. *Mamadu: O herói surdo*. 1ª ed. Lisboa: Surd'Universo, 2007.

MORGADO, Marta. *Um minuto de silêncio*. 2007. Disponível em: <https://youtu.be/nNt6MmFJMco>. Acesso em: 31 maio 2022.

MORGADO, Marta. *Sou Asas*. 1ª ed. Lisboa: Surd'Universo, 2009.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução Eloá Jacobina. - 8ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. *Literatura surda: produções culturais de surdos em Língua de Sinais*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio

Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000785443&loc=2011&l=b5039a03894fc00b>. Acesso em: 11 jan. 2020.

MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. *Adaptação e tradução em Literatura Surda: a produção cultural surda em língua de sinais*. IX ANPED SUL. Seminário de Pesquisa em Educação da Região sul, 2012.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. *Literatura Marginal: os escritores de periferia entram em cena*. Dissertação / Faculdade de Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 2006.

ORLANDO, Isabela Ramalho; LEITE Sérgio Antônio da Silva. *Formação de leitores: a dimensão afetiva na mediação da família*. Psicologia Escolar e Educacional, SP. 2018, p. 511-518.

PORTUGAL. *Estatuto da Associação de Surdos do Porto*. 2017. Disponível em: <https://apsurdos.org.pt/wp-content/uploads/aps-estatutos.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2021.

PERLIN, Gladis; MIRANDA, Wilson. “Surdos: o Narrar e a Política”. In: *Estudos Surdos - Ponto de Vista*. Revista de Educação e Processos Inclusivos n. 5, UFSC/NUP/CED, Florianópolis, 2003.

PERLIN, Gladis. “Minha História de Vida”. In: ZIESMANN, Claudia Inês [et al]. *Famílias sem libras: até quando?*. Santa Maria: Editora e Gráfica Curso Caxias, 2018.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Mutações da literatura no século XXI*. 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PORTUGAL. *Constituição da República Portuguesa*. Sétima Revisão Constitucional. Diário da República, n. 155, I Série – A, de 12 de agosto de 2005.

ROCHA, Hellen Cristine Alves. *Sinalitura: Proposta teórica e análise crítica da Literatura Surda*. Tese (Doutorado) Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação

em Estudos Literários. 2022. Disponível em:
<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/34679/1/SinalituraPropostaTe%c3%b3rica.pdf>.
Acesso em: 06 jun. 2022.

SACKS, Oliver. *Vendo Vozes: Uma viagem ao mundo dos surdos*. Tradução Laura T. Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SÁNCHEZ, Carlos. *La increíble y triste história de la sordera*. Caracas: Ceprosord, 1999.

SANTOS, Rosilene Aparecida Froes. *Literatura Surda: a escrita de si e a constituição identitária do Sujeito Surdo*. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários/PPGL. Montes Claros, 2021. 124 f.

SILVA, Mara Regina da Silva; LUNARDI Valéria Lerch. *A Concepção de Família como Unidade Complexa*. Fam. Saúde Desenv., Curitiba, v.8, n.1, p.64-72, jan./abr. 2006

SKLIAR, Carlos. *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Medição, 1998.

SOUSA, Marcio. Jean. F de S. “O ensino da Literatura Surda na formação social”. In: LEITE, K. K. O. ; SOUSA, M. J. F de. (orgs.) *Vozes dissidentes e contemporâneas: memória, espaços e outros ensaios críticos*. Montes Claros: Caminhos Iluminados, 2020.

SOUSA, Marcio Jean F. de S; VILHALVA, Shirley. “As poesias licenciosas: interface da escrita feminina surda”. In: *Educação Unisinos*. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo. 2021.

STELLING, Esmeralda. “A Libras na família de uma mãe-professora”. In: ZIESMANN, Claudia Inês [et al]. *Famílias sem libras: até quando?*. Santa Maria: Editora e Gráfica Curso Caxias, 2018.

STROBEL, Karin. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2008.

VILHALVA, Shirley. *Despertar do silêncio*. Florianópolis: Arara Azul, 2004.

ZAMBRANO, Romana Castro; PEDROSA Cleide Emilia Faye (orgs). *Comunidades surdas em América Latina: lengua – cultura – educación – identidad = Comunidades surdas na América Latina: língua – cultura – educação – identidade* [recurso eletrônico] – Florianópolis: Editora Bookess, 2017. 322 p.

ZIESMANN, Claudia Inês. [et al]. *Famílias sem libras: até quando?* – Santa Maria: Editora e Gráfica Curso Caxias, 2018.